

O Amor é muito mas do que o amor

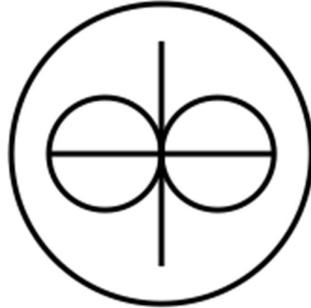
Testos do P. Henri Caffarel



Tema de Estudo 2025-2026
Equipa Responsável Internacional
Equipas de Nossa Senhora

Os textos bíblicos nesta obra foram retirados da Nova Bíblia Americana, edição revisada © 2010, 1991, 1986, 1970
Confraternidade da Doutrina Cristã, Washington, D.C., e são utilizados com a autorização do detentor dos direitos autorais.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte da Nova Bíblia Americana pode ser reproduzida sob qualquer forma sem a
autorização por escrito do detentor dos direitos autorais.

Tema de Estudo 2025-2026



O amor é muito mais do que o amor

Textos do Padre Henri Caffarel



**Equipas de Nossa Senhora
Equipa Responsável Internacional
Julho de 2025**

Este Tema de Estudo é propriedade das Equipes Notre-Dame,
Movimento Internacional, com sede em França.

Julho 2025

Índice

Introdução	5
Estrutura do Tema de Estudo e Organização dos Capítulos	8
Capítulo 1: O amor é muito mais do que o amor	10
Capítulo 2: A comunicação	24
Capítulo 3: Incompletude e gratuidade	35
Capítulo 4: Vocação do amor	48
Capítulo 5: Cuidar do amor	60
Capítulo 6: Cultivar o amor conjugal.....	73
Capítulo 7: A comunhão conjugal.....	86
Capítulo 8: O testemunho da vida de casal	98
Capítulo 9: Balanço	111
Anexos	117

Notas:

Introdução

A Equipa Responsável Internacional propõe, a todas as Equipas do mundo, para o segundo ano do período 2024-2030, um tema de estudo baseado em textos essenciais do Padre Henri Caffarel. São textos fundamentais sobre o amor humano e o matrimónio, que publicou sob a forma de artigos na revista *L'Anneau d'Or* e em conferências e que foram compilados numa antologia sobre o amor e o sacramento do matrimónio no livro intitulado “*Matrimónio, Aventura de Santidade*”.¹

Encontramo-nos diante da imensa oportunidade de ir às raízes do pensamento profundo que revolucionou o conceito e o ideal do matrimónio sacramental na Igreja e que hoje permanece mais vivo do que nunca. Os membros das Equipas não se podem contentar em reler algumas frases ou parágrafos isolados do seu contexto e que constituem excertos que recortamos como nos convém. Se quisermos ser fiéis à nossa vocação de casais cristãos unidos pelo sacramento do matrimónio, devemos ter boa formação e ser capazes de dar conta da riqueza do nosso sacramento. Podemos confundir-nos e pensar que já tratámos deste tema muitas vezes na história das Equipas. Mas garantimos-vos que trabalhar com estes textos durante um ano inteiro nos colocará na raiz mais profunda da nossa vocação conjugal. E isso permitir-nos-á também insistir na orientação deste segundo ano: **Chamados a viver em comunhão com o nosso cônjuge**. Uma vida com plena comunhão conjugal fortalece-nos para a nossa missão de casal

¹ Henri CAFFAREL, *Le mariage, aventure de sainteté*, Parole et silence, 2013

cristão no mundo que nos rodeia, faz-nos sentir mais fortes como casal para sermos sinal da presença de Deus num mundo que precisa de nós.

Convidamos-vos a acolher com total respeito e admiração estes textos que são adequados para todos, desde os jovens recém-casados até aqueles que já têm uma longa jornada de vida conjugal. Também ajudará os conselheiros e acompanhantes espirituais a penetrar até ao coração do matrimónio sacramental. Devemos ter consciência da linguagem utilizada pelo Padre Henri Caffarel na época em que os escreveu, que não pode ser traída, e ao seu estilo, com constantes referências à literatura francesa, que pode exigir um esforço extra na nossa leitura. É verdade que isso não permitirá uma leitura rápida de última hora, mas não é menos verdade que seria um verdadeiro desperdício não realizar um estudo calmo do tema, de não o saborear, ruminar, guardar no coração.

Foram seleccionados apenas alguns capítulos do livro, que por sua vez foram subdivididos para se adequarem ao formato de um tema de estudo. A maioria dos textos foi preservada na sua totalidade, se uma passagem foi cortada isso é indicado pelo símbolo (...). Também foram respeitados certos neologismos que o Padre Henri Caffarel gostava de inventar a partir de palavras existentes para melhor expressar os seus pensamentos, como seja “incompletude”; estes neologismos são indicados entre aspas.

Cada capítulo é completado por uma série de propostas para o dever de se sentar, a que será dada alguma prioridade este ano, com base em pistas, propostas de perguntas e com questões para partilhar na reunião de equipa. Estes materiais não provêm de textos do Padre Henri Caffarel como explicaremos a seguir, mas

constituem uma verdadeira carga de profundidade, que exigirá um esforço de honestidade e verdade sobre a nossa vida de casal. Convidamos-vos a fazer esse esforço de dever de se sentar todos os meses, complementando-o com outras questões que sejam úteis para o equilíbrio do casal.

O Padre Henri Caffarel, «profeta do matrimónio», pode realmente ajudar-nos, neste ano de 2025-26, a renovar o nosso «sim», a compreender melhor as fontes do amor humano iluminado por Nosso Senhor Jesus Cristo, concedendo-nos também novas graças para o nosso sacramento do matrimónio. Ao fazê-lo, como escrevia o Padre Caffarel, o estudo deste tema ajudar-nos-á também a aumentar o nosso amor a Deus.

Estrutura do Tema de Estudo e Organização dos Capítulos

Este Tema de Estudo, baseia-se em vários documentos escritos pelo Padre Caffarel, entre 1945 e 1970, publicados em diversos livros e na revista L'Anneau d'Or, e que foram organizados em oito capítulos, para se poderem trabalhar ao longo do ano.

No final de cada capítulo há um breve resumo com os conteúdos essenciais e fundamentais sob o título: **Resumindo**.

Cada capítulo é completado por pistas para preparar o Dever de se Sentar, compostas por um texto introdutório e algumas perguntas. Os textos introdutórios são do livro **“Amor Conjugal, Caminho para Deus”**, escrito por um grupo de casais que constituíram a Oficina do Matrimónio (L'Atelier Marriage) em 2015.

Cap.	Fonte das Pistas para o Dever de se Sentar
1 a 7	Provêm do Cap. 2 do livro, correspondente à <i>Antropologia do Casal</i> .
8	São dois parágrafos dos Cap. 5 e 6 intitulados: “Moral e ética na vida conjugal, familiar e social” , e o “Lugar e papel do casal na vida da equipa, da família, da sociedade e da Igreja” .

As perguntas para preparar o dever de se sentar, são orientativas. O casal escolherá aquelas que fizerem sentido para si.

Para a reunião de equipa são propostos um texto da Palavra de Deus que pode orientar a nossa oração e algumas perguntas para partilhar durante a reunião. A equipa é livre de decidir sobre que questões terá lugar a reflexão sobre o tema e se desejam falar de algumas das que foram tratadas no Dever de se Sentar, quer

durante a partilha sobre os pontos concretos de esforço, quer durante o momento da reflexão sobre o tema.

Organização dos Capítulos		
Cap.	Título	Fonte e Objectivo
1	O amor é muito mais do que o amor	Este bloco corresponde a um texto publicado na revista <i>L'Anneau d'Or</i> , em mai-jun de 1964, num número especial com 8 artigos do Padre Henri Caffarel. O texto original foi retirado de uma palestra para catequistas, leigos e religiosos que formavam ou acompanhavam os catecúmenos da diocese de Paris.
2	A comunicação conjugal	
3	Incompletude e Gratuidade	Trata das secções: <ul style="list-style-type: none"> • a felicidade e o olhar do amor • a comunicação conjugal • a "incompletude" (designa a união de dois seres incompletos que precisam um do outro e de gratuidade).
4	A vocação do amor	Corresponde a várias partes do livro “A vocação do amor” («La Vocation de l'Amour»). Publicado na revista <i>L'Anneau d'Or</i> em jul de 1945, sob o título “O Mistério do Amor” («Le Mystère de l'Amour»).
5	Cuidar do amor	Corresponde a várias secções do capítulo intitulado “Aos lares que sofrem” , dedicadas a propostas de carácter geral para nos ajudar a não nos resignarmos ao afastamento entre os cônjuges. Publicado na revista <i>L'Anneau d'Or</i> em mai-ago de 1947, sob o título “Amor e sofrimento (às famílias que sofrem)” [«Amour et souffrance (aux foyers qui souffrent)»].
6	Cultivar o amor conjugal	Correspondem a textos do livro intitulado “O lar e o mandamento de Cristo” , dividido em duas partes: <ul style="list-style-type: none"> • Cultivar o amor conjugal, e • A comunhão conjugal. Este texto foi publicado na revista <i>L'Anneau d'Or</i>, intitulado “Matrimónio, caminho para Deus” («Mariage, chemin vers Dieu»), em mai-jun de 1964.
7	A comunhão conjugal	
8	O testemunho da vida de casal	Corresponde à parte final de uma palestra intitulada “Enfrentar o ateísmo” («Face à l'athéisme»), proferida pelo Padre Henri Caffarel em 5 de maio de 1970, após o discurso de Paulo VI.

Capítulo 1:

O amor é muito mais do que o amor

O verdadeiro amor, longe de encarcerar corações, liberta-os e dilata-os extraordinariamente. Eu diria mais: os noivos e os recém-casados experimentam uma espécie de estado de graça, ou pelo menos uma abertura à graça. Isto porque do amor à vida cristã há, de certo modo, continuidade, pois «*Deus é amor*». ² (...)

A experiência do amor é multifacetada, deve ser desdobrada nos seus elementos essenciais, que um pouco arbitrariamente reduzo a cinco: a **felicidade**, o **olhar do amor**, a **comunicação**, a «**incompletude**», a **gratuidade**. Analisando cada um destes elementos da experiência amorosa, veremos como ela se orienta para o mundo da graça.

A Felicidade ³

A emergência da felicidade é a primeira experiência de quem encontra o amor. Uma felicidade nova, penetrante, insistente, pura, dilatadora, deliciosa. Uma felicidade desconhecida até então.

² Anneau d'Or (AO) n°117-118, *Le mariage route vers Dieu*, maio-agosto 1964, pp. 182-200. Conferência pronunciada diante de varias centenas de catequistas e religiosos para a formação de catecúmenos na Diocese de Paris.

³ Neste capítulo veremos a Felicidade e o olhar do amor. Nos seguintes, os outros temas.

“É verdade que estou feliz. Na alegria, adormeço, acordo e volto a dormir na alegria. Que eu possa estar cheia de mais alegria, para trazer mais alegria a quem eu amo cada vez mais!”⁴

Estas palavras são da jovem Violaine; poderiam ser as de todos aqueles que fazem a descoberta do amor.

E ouvimos os jovens enamorados falando de “salvação”. Sim, de repente compreendem que tinham sido feitos para a felicidade e que a felicidade acaba de lhes ser concedida. Sentem-se libertos do infortúnio e do mal; são salvos. Salvos do absurdo, de uma existência desprovida de sentido. A sua vocação é agora conhecida: é a felicidade!

Uma outra felicidade

Deus, sem dúvida, queria que todo ser humano, ao longo da sua vida, pudesse experimentar a felicidade. Porque para Deus é importante que o homem anseie pela felicidade; e não apenas que anseie por isso, mas que, tendo-a experimentado, acredite que é possível. E então que a deseje, que a persiga. Para Deus é importante, não só porque este acreditar na felicidade contribui grandemente para a saúde do corpo e da alma - perdê-la já é quase morrer - mas sobretudo porque essa felicidade orienta o homem para Ele.

Se um não crente encontra a felicidade no amor, começa a compreender a palavra paraíso, que antes o fazia sorrir. Para ele, a partir de agora, o paraíso, o “lugar da felicidade”, talvez seja algo muito mais do que um mito. E esse primeiro paraíso de que falam

⁴ Paul CLAUDEL, La jeune fille Violaine en Theatre I, La Pleiade, Gallimard, 1964, p. 577

os cristãos e esse paraíso definitivo a que aspiram tornam-se aos seus olhos menos inverosímeis.

Mas então, é mesmo necessário que a moral cristã não lhe seja apresentada sob a capa da moral da Obrigação ou do Dever de que Kant se fez campeão e que tantos cristãos, mais ou menos conscientemente, adotaram. Não nos devemos, porém, esquecer que a grande pregação de Cristo começou com estas palavras: «*Bem-aventurados... bem-aventurados... bem-aventurados... os pobres, os mansos, os puros de coração!*» Ah! Sei bem que se podem ler comentários muito eruditos sobre as bem-aventuranças, que não omitem nenhuns detalhes do texto, nenhuma nuance, mas que, como que por acaso, omitem a palavra “bem-aventurados”. No entanto, o Senhor, quando fala de salvação, usa sempre as imagens felizes do banquete, da festa, das bodas... E quando dirige as últimas palavras aos seus durante a última ceia, o que lhes recomenda, o que lhes lega? É a alegria, a plenitude da sua alegria - que certamente correm o risco de perder, mas que ninguém tem o poder de lhes tirar.⁵

Numa palavra, a vida de Deus é felicidade e, do mesmo modo, a vida eterna que Ele propõe ao homem é felicidade e assim a vida cristã na terra é já antecipação dessa felicidade. Mas como se poderia comprometer com essa religião da felicidade aquele que não saberia o gosto da felicidade? É privilégio do amor conjugal fazer emergir esta aspiração — que em muitas pessoas, antes do encontro com o amor, é apenas um tição debaixo das cinzas — e, através dela, enveredar pelo caminho da felicidade que vem de Deus. Mas como é frágil esta experiência de felicidade! Efémera para muitos. Muito poucas famílias concordam com a definição de matrimónio proposta pelo arcebispo ortodoxo Innocent Borisov:

⁵ Jn 15, 11; 16, 21-22, 17, 13

“*O que resta na terra do paraíso*”⁶. O que não impede, que mesmo que de curta duração, esta experiência seja crucial. Frágil e efêmero não são sinónimos de enganador.

São muitas as razões que explicam a sua precariedade. Alguns confundem felicidade com prazer e, ao perseguir o segundo, perdem a primeira que, no entanto, um dia tinham descoberto. Outros tentam agarrar a felicidade com avidez e avareza, sem saber que ela está reservada àqueles que têm disposição para a admiração e a oferenda. Outros procuram um absoluto: destroem assim, tanto a felicidade como o amado, exigindo-lhes aquilo que são absolutamente incapazes de oferecer.

Esta falha é grave. Especialmente para aqueles que negam a sua experiência de felicidade, que ironizam consigo mesmos, ou muito simplesmente imaginam ter sido vítimas de uma ilusão. Perder a fé na felicidade é muitas vezes arriscar-se a não encontrar ou a não guardar a fé em Deus.

Mas, felizmente, há aqueles para quem esta experiência continua a ser a grande experiência da vida. Sem dúvida, com o passar dos anos, perderá a sua vivacidade e frescura iniciais, mas será a favor de uma lucidez, de uma profundidade, de uma solidez que o amor na sua primavera não poderia conhecer. Esses sabem bem que não receberam uma partilha de uma felicidade absoluta, mas aprenderam a ver, na felicidade nascida do seu amor, a promessa de uma outra felicidade, que juntos perseguem e da qual já saborearam antecipadamente.

⁶ Citado por Jacques DUQUESNES, Demain, unes Eglise sans prêtres? Grasset, 1968

O olhar do amor

A experiência da felicidade, em que acabamos de refletir, revela uma lição de importância capital: é do amor que decorre a felicidade. Felicidade e amor estão intimamente relacionados. Portanto, se o homem descobre que foi feito para a felicidade, aprende que foi feito para o amor e que não pode esperar encontrar essa plenitude fora do amor, fora das exigências e das riquezas do amor.

A experiência do amor é complexa. O diálogo dos olhares desempenha um papel essencial. Aqueles que renunciam a esse diálogo e o substituem pelos benefícios mais tangíveis do abraço dos corpos não sabem o que estão a perder. Descobrir-se subitamente no olhar do outro como num *espelho-onde-um-se-vê-visto*, segundo a expressão de Lanza del Vasto, e descobrir-se aí digno de ser amado, não é um acontecimento trivial. Finalmente sabemos que temos **uma razão de ser**, iria dizer que **somos**. Enquanto uma pessoa não reconhecer no olhar de outro que pode ser amada ou, no sentido exato da palavra, que é amada, experimenta o sentimento das crianças não amadas ou mal-amadas, que eu encontrei fortemente expresso por um personagem de um romance: *“Eu estava a mais. Dormia numa cama extra colocada ao acaso no quarto e que podia ser dobrada a qualquer momento. Se tivesse partido, não teria deixado um lugar vazio”*.⁷

Mas se o amor intervém, então tudo muda. A pessoa percebe que tem valor, que tem um lugar no mundo, já que é necessária a outra pessoa. *“Precisa de mim para ser feliz”*, repetimos para nós mesmos com exaltação alegre. Por isso, sentimo-nos realmente “justificados”, no sentido em que o dizemos quando justificamos

⁷ Pierre GASCAR, La Graine, Ed. Rombaldi, 1979

uma decisão. Estamos dispensados de nos desprezarmos, podemos amarmo-nos e estimarmo-nos porque alguém nos ama e estima.

“Essa descoberta maravilhosa que eu fazia: ser capaz de interessar, de agradar, de me emocionar... Eu refletia-me num outro ser e a minha imagem assim refletida não oferecia nada de repulsivo.... Lembro-me deste degelo de todo o meu ser sob o teu olhar, dessas emoções jorrantes, destas fontes libertadas”.⁸

Finalmente encontramos-nos reconciliados connosco próprios.

O amor chama o amor. Ser amado leva a amar. Surgem um deslumbramento, uma gratidão, uma generosidade, impacientes para se expressarem, cuja fonte ignorávamos que estava em nós. *“Não é engraçado que ao ver esse teu rosto lindo, sem eu saber como, haja algo em mim, antes tão triste, tão confuso, tão amargo que tenha começado a cantar. Toda uma parte de mim mesmo que eu achava que não existia porque estava ocupada com outras coisas e eu não pensava nela. Ah! Deus, ela existe, ela vive intensamente”.⁹*

E eis que, através do amor e do dom, nos assemelhamos àquele que tínhamos descoberto no *espelho-onde-nos-vemos-vistos*, que eramos nós mesmos e não exatamente nós mesmos, porque esse espelho, que é o olhar do amor, tem a propriedade de nos apresentar a imagem não tanto do que somos hoje, mas daquilo de que seremos capazes.

⁸ François MAURIAC, op. cit

⁹ Paul CLAUDEL, Le Père humilié, en Théâtre II, La Pleiade, Gallimard, 1965, p. 529

O olhar de Deus

Será que esta experiência de amor não tem uma dimensão espiritual? Se a vivemos lealmente, pode acontecer que, mesmo para aqueles que não têm fé ou apenas a têm em construção, sejamos levados a pressentir que *o amor é algo mais do que o amor*, que a fonte do amor está talvez localizada bem mais acima do coração humano. Se a felicidade é para o amor o que a luz é para a chama, aquele que através da felicidade humana suspeitou da existência de outra felicidade poderia ser levado a deduzir que essa outra felicidade também pressupõe em si mesma outro Amor e que é feita para esse outro Amor como para essa outra felicidade.

Se encontrar no seu caminho uma mão amiga para o conduzir a Cristo e se sentir sobre si aquele olhar do Senhor, muitas vezes evocado nos Evangelhos: «*Olhou para ele com Amor*» (Mc 10, 21), então, por uma vez, descobrirá que a sua vida tem sentido, já que é importante para Alguém.

O *espelho-onde-nos-sentimos-vistos* é então o próprio olhar de Deus. Como poderia desprezar-se a si mesmo aquele que se descobre precioso aos olhos do Senhor? Tão precioso que Deus não olhou para o preço: «*Eu derramei essa gota de sangue por ti*». Pascal, quando compreendeu isto, ficou comovido até ao âmago de si mesmo. Muito antes dele, já São Paulo tinha dito: «*Que me amou e a si próprio se entregou por mim*» (Gal 2, 20).

Descobrir-se amado é ao mesmo tempo estimulante e terrível. Se cedermos ao apelo do amor deixaremos de pertencer a nós mesmos... Isto é fé, este sim dito a Deus. Talvez venham dias em que nos censuraremos por este gesto imprudente, mas já será demasiado tarde e, além disso, ficaremos satisfeitos por ser

demasiado tarde. É o que Jeremias exprime em termos inesquecíveis (*Jr 20, 7-9*).

Tu seduziste-me, Senhor,
e eu deixei-me seduzir!
Dominaste-me e venceste.
Todo o dia sou objecto de irrisão

e todos escarnecem de mim.
Pois todas as vezes que falo
tenho de gritar: «Violência!» e clamar: «Opressão!»,
pois a palavra do Senhor tornou-me
objecto de insulto e injúria, todo o dia.
E eu dizia: «Não mais me lembrarei dele!
Não falarei mais em seu nome!»

A razão última da existência do amor entre o homem e a mulher é, portanto, evocar outro Amor e conduzi-lo a ele. O que já é verdade para todo o matrimónio é muito mais verdade para a união dos cristãos casados que a Igreja ensina ser um sacramento: uma realidade humana que não só simboliza uma realidade divina, mas que a ela conduz.

Este Amor, para o qual os cônjuges são encaminhados pelo seu amor, uma cadeia de ação e reação acaba por transformar radicalmente a sua união. A partir de agora amam-se com um amor que é uma extensão do amor de Deus.

Se abrirem a primeira epístola de S. João alegrar-se-ão por saber que o seu amor mútuo e o amor de Deus são uma e a mesma coisa:

«E nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus nos tem. Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele... É nisto que o amor entre nós é perfeito: em estarmos confiantes no dia do juízo, pelo facto de estarmos no mundo do mesmo modo com que Ele esteve» (1Jo 4, 16-17).

RESUMINDO

O verdadeiro amor leva-nos a uma espécie de estado de graça que poderíamos concretizar em cinco elementos essenciais. Neste capítulo, abordamos os dois primeiros.

A felicidade: sentimo-nos libertados da tristeza, salvos pelo nosso cônjuge de uma forma que dá sentido e alegria às nossas vidas. E é isto que Deus quer para nós: que sejamos felizes, porque a felicidade nos aproxima d'Ele.

O olhar do amor: descobrir que alguém olha para nós com amor é uma das experiências mais bonitas da vida. Reconhecer-se amado aos olhos do outro, sem que esse amor precise de ser expresso de nenhuma outra forma, faz-nos sentir valorizados, necessários, esperados... este olhar dá sentido às nossas vidas. Esta experiência de nos sentirmos amados leva a amar e a expressar o melhor de nós mesmos em aspectos que nem sequer imaginaríamos.

E é neste olhar de amor que podemos reconhecer o olhar de Deus: quem se ama consegue pressentir que o amor, essa maravilhosa fonte de felicidade, deve ter uma

dimensão espiritual que ultrapassa o coração do ser humano. Sentirmo-nos olhados com amor por Deus, que vive em cada um de nós, impele-nos a evocar esse amor-perfeito e a desejar alcançá-lo:

“E nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus nos tem. Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor em nós é perfeito” (1 Jo 4, 16-12).

É aí que nós, cristãos casados unidos pelo sacramento do matrimónio, encontramos aquilo que a Igreja define como sacramento: uma realidade humana que simboliza uma realidade divina e nos conduz a ela.

O DEVER DE SE SENTAR (Pistas)

Se, em pensamento, olharmos para trás, para os primeiros tempos do amor, percebemos a memória do outro envolta numa espécie de claridade, porque no início havia sempre um deslumbramento. Algo de único e milagroso acontecia entre nós com a troca de palavras, de gestos, de olhares. Tudo o que a interação da relação entre os dois podia dar de si já estava presente na precisão imaculada do que é inicial. O mundo enchia-se de sinais, a fragmentação da vida reencontrava a unidade. A solidão, a insegurança, a incerteza quanto ao futuro, tinham desaparecido porque alguém nos escolhera, nos tinha amado, nos devolvera aquela frágil consistência necessária para enfrentar a vida, para nos curar do passado. Isso levava-nos a explorarmo-nos a nós próprios em profundidade, em busca de tudo o que éramos e tínhamos sido, com o desejo de oferecer ao outro a nossa

autenticidade. O outro, por sua vez, oferecia-nos o seu tempo, os seus pensamentos e esta coincidência de amor aparecia-nos como que um dom imerecido.

Seria, portanto, uma questão de intuição porque não há nada calculado, porque a atração mútua não pode ser raciocinada, porque toda a relação entre os dois está a germinar. Mas esta intuição, tão bela e tão pungente, deveria ser qualificada com o adjetivo "inteligente". Apesar da juventude e da inexperiência, deveríamos também, de certo modo, realizar uma valorização lúcida da pessoa do outro; descobrir com alegria os valores partilhados e ao mesmo tempo não fechar os olhos diante dos pontos obscuros que poderiam ser fontes de sofrimento para os dois. Se nos propusermos um conhecimento mais amplo do outro nas diversas circunstâncias da vida e aprofundarmos uma comunicação verdadeira e profunda, seremos capazes de descobrir se é possível criarmos juntos um projeto de vida comum. Partiremos então de um sim que seja ao mesmo tempo espontâneo e ponderado.

Proposta de perguntas para o dever de se sentar

Voltem o vosso olhar para o início do vosso amor...

1. Conversemos juntos sobre esse surgir da felicidade nova, penetrante, insistente... desconhecida até então. Dessa descoberta de que tu, eu, nós fomos feitos para a felicidade, para o amor. Tentemos recordar o que nos emocionava no outro, o que admirávamos um no outro. Mergulhemos nesse momento da descoberta um do outro, das primeiras saídas, das discussões, do que escrevíamos, de tudo o que fazíamos para nos conhecermos melhor...

2. É do amor que nasce a felicidade: partilhemos experiências retiradas da nossa vida conjugal e familiar que confirmem esta afirmação.

3. Os nossos olhares em direção ao outro, de um para o outro:
 - recordamo-nos dos nossos primeiros olhares, do primeiro olhar em que me senti amado(a) por ti: o que mudou em cada um de nós?
 - e hoje: o que dizem os nossos olhares?

4. Voltemos ao momento em que compreendemos, sentimos que esta fé na felicidade nos orientava para Deus, para a felicidade de Deus, para a vida eterna e para a felicidade eterna. Partilhemos juntos esta busca do amor de Deus, da felicidade em Deus, que transcende o nosso amor conjugal.

5. Lembremo-nos desse momento, das circunstâncias, desse olhar de Deus sobre mim, sobre o nosso casal, sobre o meu cônjuge. Discutamos juntos esta busca do amor de Deus, da felicidade em Deus que transcende o nosso amor conjugal.

Terminamos o nosso dever de se sentar dedicando alguns segundos a olhar um para o outro como se fosse a primeira vez. Agora, damos as mãos com força e olhamos um para o outro como se esta fosse a última vez que vamos estar juntos.

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (1Jo 4, 16-19)

“E nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus nos tem. Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele. É nisto que o amor entre nós é perfeito: em estarmos confiantes no dia do juízo, pelo facto de estarmos no mundo do mesmo modo com que Ele esteve. No amor não há temor. Pelo contrário, o amor-perfeito expulsa o temor, porque o temor supõe um castigo; quem teme não é perfeito no amor. Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro.”

Questões para partilhar na reunião

1. O facto de recordar um período da nossa história permite-nos reviver algumas das mesmas emoções vividas nessa altura. Durante o dever de se sentar fizemos uma viagem pelos primeiros momentos do nosso amor. Podemos partilhar como nos sentimos ao evocar o nosso encontro e a nossa descoberta mútua.
2. O Padre Henri Caffarel fala de vazio, de solidão e de ausência de sentido antes deste encontro de amor. O outro confirma que tenho muito valor, que finalmente existo para alguém. Qual é a nossa experiência neste domínio?
3. Como tomámos consciência ou sentimos que este amor humano nos aproximava de Deus ou mesmo que foi alimentado pelo amor de Deus? Entrámos para as Equipas de Nossa Senhora: podemos partilhar sobre esta decisão tomada a dois e sobre o caminho percorrido.

4. O amor conjugal é uma segunda oportunidade de "cura" nas nossas vidas, cura para as feridas passadas. O que nos inspira esta reflexão?

Capítulo 2: A comunicação

A comunicação entre os esposos

O amor entre o homem e a mulher, esse amor que se expressa na felicidade, é reciprocidade, diálogo, troca, comunicação total. Isto também é muito novo para aqueles que vivem um amor jovem. Isto parece-lhes tanto mais admirável e ainda mais delicioso quanto um e outro durante anos foram acompanhados por um doloroso sentimento de solidão que não os abandonava. Às vezes adormecido, às vezes agressivo, muitas vezes desesperado, ele esteve sempre lá como um estranho companheiro cuja presença não podiam explicar. Ora se revoltavam contra ele, ora se resignavam: *“Não temos escolha: estamos sozinhos, escrevia Rilke. É-nos permitido ter ilusões, mas prefiro olhar para a questão de caras, mesmo que isso nos deixe tontos”*.¹⁰

Do sentimento de solidão à comunicação

O significado deste sentimento de solidão aparece-lhes agora: preparava-os para o amor e para a comunicação. De facto, como poderiam ter desejado e acolhido o amor e a comunicação se não tivessem tido a dura experiência de que não é bom que o homem esteja sozinho (*Gn 2, 18*)? A solidão dizia-lhes pela negação o que o amor lhes ensina hoje pela positiva: que a comunicação é a lei

¹⁰ Frase citada por Anne LINDBERCH em “Solitude face à la mer”, Amiot-Dumont, Paris, 1955, p. 39

profunda do ser humano, que a pessoa é «relacional». O homem só existe a partir de uma existência verdadeiramente pessoal na medida em que existe para outro – no sentido forte que os filósofos contemporâneos dão a esta expressão de *existir para...* Agora que sabem, todos dizem: “*Existo, agora que existo para ti!*”

Comunicar, comunicar através do espírito, de alma para alma, é uma experiência prodigiosa. Mas o homem é uma alma encarnada. Portanto, esta comunicação é feita por intermédio dos corpos. Um olhar, um sorriso, uma pressão das mãos, a doação dos corpos, tudo se torna uma forma de comunicar. As atitudes, os gestos, tal como as palavras estão carregados de sentido. Mas é preciso que o espírito queira estar presente em todas estas atividades corporais, que deslize nelas para as transfigurar, cuidar para que não degenerem em hábitos, em automatismos ou, o que seria pior, não sejam mais do que a expressão apenas do instinto corporal.

Têm razão os noivos, os recém-casados em regozijar-se com a maravilhosa libertação que devem ao amor. Graças a ele, puderam escapar cada um de si mesmo. É uma libertação maravilhosa, de facto, mas que tomem cuidado, é também uma exigência impiedosa. Não é só nas horas em que é fácil e encantador pôr em comum todas as coisas que é preciso comunicar, mas ao longo de toda a vida. E se no início nada parecia mais simples – foi como um alívio – muito rapidamente percebemos que a comunicação exigida pelo amor vai muito além do que pensávamos. Trata-se de algo muito mais do que conjugar o verbo amar, do que trocar emoções, sentimentos, pensamentos superficiais; é o nosso ser profundo, o nosso eu íntimo que deve ser revelado e, para isso, descobri-lo tal como é, com as suas riquezas e misérias. E não é só nas horas em que é delicioso receber o outro, mas em cada momento que nos devemos

disponibilizar para acolher a presença, as palavras, o dom do outro.

Sim, a comunicação, mesmo entre aqueles que se amam, é difícil, cruel às vezes. Mas a sua crueldade é a do educador que obriga alguém a superar-se, a libertar todo o seu potencial. Quem aceita comunicar, cresce interiormente. Quem se recusa a fazê-lo condena-se à asfixia. Para dizer a verdade, apenas o amor consegue o milagre de fazer comunicar estes emparedados vivos que são os homens desde o pecado pelo qual Adão se isolou da criação, separando-se de Deus.

É digno de nota: a verdadeira comunicação com um ser põe-nos em contacto com o mundo inteiro: *«Ah! Eu descobri uma coisa tão grande, que é o amor, que nos dá as chaves do mundo e que não no-las quer tirar»*.¹¹ Há tantos moralistas de vistas curtas que são incapazes de compreender este milagre e continuam a convidar cônjuges e noivos a não se deixarem cativar pelo amor. É verdade que se pode amar mal e que o falso amor aprisiona as pessoas, mas, por outro lado, o verdadeiro amor liberta o coração humano.

Em diálogo com Deus

O grande mestre do amor, o Espírito Santo, a quem o amor oferece um campo de ação particularmente favorável, trabalha para fazer passar aqueles que se amam da comunicação entre si para a comunicação com Deus. Se esta já lhes é familiar, o seu amor será uma grande ajuda para o viver mais perfeitamente. Todas as leis da comunicação, que vão descobrindo com o passar dos dias nas suas relações mútuas, em breve lhes aparecerão como segredos para ir mais longe na intimidade do seu Deus.

¹¹ Paul CLAUDEL, *Le soulier de satin*, en *Théâtre II*, La Pléiade, Gallimard, 1965, p. 772

Para aqueles que ainda não aprenderam a viver com Deus, mas a tal aspiram, é muito importante que compreendam que a religião cristã é a comunicação do homem com Deus, de cada homem com Deus. Comunicação no amor. Por outras palavras, o Projeto de Deus deve ser-lhes apresentado como um grande empreendimento dirigido pela vontade de Deus para entrar em comunicação com cada um dos seus filhos, como um apelo de Deus ao homem - a todos os homens - para estabelecer relações pessoais com Ele. Então, tanto no plano da fé como no plano do amor humano, e muito mais profundamente, o homem, ao responder ao apelo do amor de Deus, adquire o sentimento de se aceitar como ser, de descobrir a vida verdadeira. Até então, ele às vezes perguntava-se se sua existência era real e não apenas um sonho. Agora ele sabe, ele é, ele vive. Ele *existe*, agora que *existe para Deus* e porque *existe para Deus*.

Recusar-se a comunicar a nível humano já é destruir-se a si mesmo; no plano religioso é estritamente falar em morrer. Isolarmo-nos de Deus é o que os moralistas dizem ser o pecado mortal.

Tal como o amor humano, longe de isolar, dá as chaves do mundo, também a comunicação com Deus realiza o paradoxo de separar o homem de toda a criação e fazê-lo ao mesmo tempo entrar em comunicação com todos os seres, mas em Deus. Escutem Francis Jammes: *“Parecia que aos seus olhos se abria um mundo novo. O pássaro, a árvore, a pedra, tinham um brilho que ele não conhecia, e a telha iluminada pelo sol poente, tinha uns contornos nítidos e precisos. Já não era aquele pesadelo louco e grotesco em que as coisas pareciam surpreendidas por existir: agora cada coisa era tal como é...”*¹² Imagina-se, a partir da leitura dessas linhas, que o

¹² Francis JAMMES, *Clairières dans le ciel*, Paris, Mercure de France, 1906

autor as escreveu ao enamorar-se; na verdade, foi no dia seguinte à sua conversão. O que nos poderia levar a pensar que todo o amor autêntico, e mais ainda do que o amor conjugal, o amor de Deus faz nascer em nós um coração fraternal para com todos os seres do universo.

Uma nova solidão

Por um lado, o Espírito de Deus ensina a comunicar com Deus a partir desta experiência de comunicação no amor humano. Mas por outro, tem outro recurso ainda mais poderoso. Faz ressurgir o sentimento de solidão dentro do próprio amor. Noivos, cônjuges entram em pânico: ter-se-iam enganado ao pensar que amor e solidão são incompatíveis, contraditórios, que o amor tinha eliminado definitivamente o sentimento de solidão? (...) Será que era Paul Valéry quem tinha razão: *“Deus criou o homem e, não o achando suficientemente sozinho, deu-lhe a mulher para o fazer sentir a sua solidão?”*

Pelo contrário, devem questionar a sua experiência de solidão. Ela recordar-lhes-á que esse sentimento que queimava na sua adolescência tinha um significado: advertia-os de que o homem não foi feito para um frente-a-frente consigo mesmo, mas para a comunicação no amor recíproco. A sua solidão de hoje, e precisamente no próprio coração do amor, é de uma ordem completamente diferente. É também um aviso, mas se na adolescência era um convite ao diálogo com a mulher, hoje é um convite ao diálogo, à comunicação com Deus. É possível que tenham podido acreditar que o seu amor humano bastaria para lhes encher o coração... Deus não podia deixá-los por muito tempo nesse erro. Estão feitos para um outro amor; que não demorem, pois, a dar resposta.

Estarão os cristãos preservados desta nova intervenção do sentimento de solidão? Se a sua união com Deus fosse suficientemente profunda, se o seu amor humano estivesse livre de todas as ilusões, certamente não conheceriam essa quebra. Na verdade, esse sentimento também se manifesta neles frequentemente. Alguém escrevia: «*A vida não será apenas a aprendizagem da solidão e o casamento o meio mais subtil de a conhecer?*» Não, o matrimónio não é a forma mais subtil de conhecer a solidão, mas antes de descobrir que é a vida com esse Outro que põe fim a toda a solidão.

E no lar cristão esse Outro não está longe. É no próprio diálogo conjugal que O podemos encontrar. Não foi Ele que disse: «*Quando dois ou três estão reunidos em meu nome, eu estou no meio deles*» (Mt 18, 19)? Muitos esposos ficam inquietos: não devemos temer este apelo de um outro amor? O amor conjugal não será ofuscado? A resposta foi-me dada um dia por um amigo quando me disse que a sua esposa era profundamente religiosa: “*Quando ela acaba de rezar, a sua ternura por mim é como que completamente renovada*”.

RESUMINDO

O Padre Henri Caffarel identifica **a comunicação** como um elemento essencial do estado de graça que surge com o amor. Realça que esta comunicação não só apoia a relação conjugal, mas também influencia as nossas relações com os outros.

O caminho para a verdadeira comunicação começa com a experiência de solidão, uma sensação que pode ser angustiante, mas que revela uma verdade essencial: o

ser humano existe para se relacionar, para dizer “existo agora que existo para ti”. Esta descoberta impele-nos para o amor e para uma comunicação constante, quer seja verbal, gestual ou mesmo espiritual, levando-nos a uma dimensão superior de felicidade, sempre acompanhados pelo Espírito.

Deus quer a nossa felicidade e regozija-se com ela.

No entanto, os cônjuges devem reconhecer que a comunicação não se limita aos bons momentos, mas também deve ser mantida nas dificuldades. Às vezes, pode parecer que estamos a perder algo do que nos tinha cativado no outro. Nestes momentos, a comunicação torna-se um apelo à partilha do que há de mais profundo e íntimo dentro de nós, sempre abertos a escutar e a ser escutados. Este esforço para manter uma comunicação autêntica leva o amor a um nível mais profundo, mais próximo do espiritual.

Além disso, o amor conjugal reflecte a nossa relação com Deus. No cristianismo, a religião é concebida como uma comunicação de amor entre Deus e cada pessoa. Ao descobrir o nosso desígnio divino, podemos dizer: «Eu existo porque existo para Deus». Esta ligação com Ele torna-se o modelo para as nossas relações humanas, onde também nos sentimos chamados a amar, a partilhar e a relacionarmo-nos.

Embora o sentimento de solidão possa surgir mesmo no meio do amor, não deve assustar-nos. É um convite a recordar que não somos feitos para a solidão e que Deus estará sempre ao nosso lado, ajudando-nos a encontrar

conforto e plenitude tanto nas nossas relações humanas como na nossa ligação com Ele.

O DEVER DE SE SENTAR (Pistas)

A relação de casal é vivida numa vida plural e complexa que toca em todas as arestas da realidade e nem sempre se desenrola numa total e feliz intimidade ou em momentos privilegiados e perfeitos. Com a vida em comum, o casal chega a conhecer-se tão intimamente que as fraquezas e as manias, as “sombras”, que já se insinuavam nos primeiros tempos da relação e que cada um tinha procurado disfarçar no início, tornam-se demasiado óbvias. No dia a dia e porque se repetem, estes defeitos tornam-se tão presentes que, muitas vezes, mascaram tudo o resto. As características excepcionais são reduzidas a migalhas diante dos pequenos escolhos da vida quotidiana. Essa pessoa tão atraente, que avidamente descobríamos no início, está finalmente muito próxima, às vezes perto demais para que continue a despertar a mesma admiração.

A opinião generalizada é a de que quando nos apaixonamos isso provoca uma visão ideal da pessoa amada e quando essa fase se desvanece, encontramos-nos diante da verdade. Mas não é exatamente assim. O que no princípio o amor faz descobrir sobre o outro não pertence ao tipo de ilusões. Pelo contrário, é a porta que se entreabre e permite vislumbrar o que há de melhor e mais verdadeiro no outro, desde que o exercício participativo que gera o amor nos primeiros tempos se mantenha sempre ativo entre os dois. Trata-se de um exercício, pelo que é preciso permanecer alerta, e é participativo dizendo, portanto, respeito a cada um dos dois. Se apenas um se comprometer, o exercício tornar-se-á quase impossível.

Se usarmos a inteligência do coração, essa capacidade de compreender e de assumir a vida, discerniremos, se apesar desses pontos obscuros e contraditórios que vamos descobrindo no outro, os pontos positivos compensam esse outro lado negativo que sabemos ser fonte de sofrimento. E, sobretudo, devemos cultivar um coração cheio de misericórdia que compreenda e que aceite, que seja paciente e saiba desculpar, que deixe repousar o olhar com amor sobre a pessoa do outro, que deixe de criticar e aprenda a louvar, que reconheça a necessidade que tem do outro e que lho diga. É muito fácil sentir-se atraído pelo que podemos receber; é mais difícil questionarmo-nos sobre o que o outro necessita.

Proposta de perguntas para o dever de se sentar

1. Neste início do dever de se sentar, depois de nos termos colocado sob o olhar de Deus, dediquemos um tempo à reflexão individual, munidos de um papel e de um lápis, e façamos um esforço de memória e clarividência para responder a estas duas perguntas:
 - o que me agradou no outro nos primeiros tempos do nosso encontro?
 - posso nomear todas as qualidades e coisas boas que continuo a descobrir no meu cônjuge?
 - Depois desse tempo suficientemente significativo, conversemos um com o outro sobre o que escrevemos e dialoguemos.

2. Solidão: na adolescência, na juventude tinha esse sentimento antes de conhecer o meu futuro cônjuge? Partilhemos sobre

este estado de solidão, a sua evolução no início da nossa relação e depois de vários anos de casamento.

3. Que relação estabelecemos entre o nosso próprio sentimento de solidão e a proximidade com Deus? Será que uma certa solidão nos aproximou de Deus? De que forma?
4. Quais são os nossos modos de comunicação preferidos? Têm variado ao longo dos anos? Como temos em conta a nossa própria linguagem corporal e a do nosso cônjuge? Partilhemos juntos sobre o lugar que a ternura ocupa na nossa relação conjugal.
5. Amar é aprender a conhecer melhor o outro em cada dia. É algo que teremos sempre de descobrir na escuta e na partilha. Podemos identificar o que impede a comunicação com o nosso cônjuge? Podemos identificar cada obstáculo a esta comunicação e procurar juntos como torná-lo inativo?

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (Ef 4, 29-32)

“Nenhuma palavra má saia da vossa boca, mas apenas a que for boa para a edificação que é necessária, tendo como objetivo conceder uma graça àqueles que a ouvirem. E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com cujo selo fostes marcados para o dia da redenção. Seja eliminado do meio de vós tudo o que é azedume, raiva, ira, gritaria e calúnia, juntamente com toda a espécie de malícia. Sede bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-vos mutuamente como também Deus vos perdoou em Cristo.”

Questões para partilhar na reunião

1. A religião cristã é a comunicação do Homem com Deus. O plano de Deus é estabelecer relações pessoais com as suas criaturas. Como vivemos estes dois amores - o amor de Deus e o amor do cônjuge? Desencadeou algum conflito pessoal em algum momento da nossa relação? Que ajuda concreta usamos para nos ajudarmos um ao outro na nossa relação com Deus?
2. Deus deu-nos o nosso cônjuge para o amar. O Padre Henri Caffarel escreve que é no diálogo conjugal que o Espírito Santo nos ensina a comunicar com Deus. Como organizamos o nosso dever de se sentar? Como o preparamos? O que podemos pôr em prática para que os nossos corações estejam disponíveis para acolher este tempo de adaptação para nos amarmos melhor e para experimentar no nosso amor o amor divino do nosso Deus?
3. Partilhemos juntos sobre como a comunicação conjugal no amor e na verdade:
 - nos coloca em comunicação com o próprio Deus;
 - nos faz tomar consciência de existirmos, não só para o nosso cônjuge, mas também para Deus;
 - nos abre a todos e não só a de Deus.

Capítulo 3: Incompletude e gratuidade

Descoberta da incompletude¹³

Entre as variadas experiências reservadas a um amor que nasce, cada um dos dois toma gradualmente consciência de que, antes de conhecer aquele ou aquela que ama, era um ser incompleto, mas dificilmente sofria com isso. Cada um vivia como se se bastasse a si próprio. No entanto, sentiam a necessidade de algo mais para enriquecer o seu próprio eu, para crescer, para chegarem à plenitude. Na realidade, faltava-lhe uma pessoa complementar. Não alguém que o pudesse ajudar a preencher as suas lacunas ou que lhe proporcionasse algo adicional, para ser ou para ter mais, mas alguém que lhe traria o que nunca poderia conseguir sozinho: **a outra metade do mundo.**

Essa outra metade do mundo – masculina ou feminina – não é um bem de que alguém se possa apoderar definitivamente. As coisas são adquiridas, mas uma pessoa é recebida na medida em que também lhe é feito o dom de si mesmo; e, então, se fechamos os braços para dela nos apropriarmos, ou ela se escapa ou apenas renuncia à sua liberdade e, nesse caso, apenas nos apropriamos da coisa em que essa pessoa se tornou.

A descoberta da nossa “incompletude” em relação ao outro sexo é um acontecimento espiritual importante, porque é o tomar

¹³ Esta palavra, é um conceito que decorre do francês literário “incompletude”. Este neologismo foi uma criação intencional para expressar um conceito teológico e filosófico específico sobre a natureza complementar do matrimónio.

consciência de uma pobreza radical e indiscutível. É verdade que a maioria das pessoas faz esta descoberta na relação com o amor: tomam consciência da sua pobreza precisamente quando dela se libertam. Libertos, sim, mas com a condição de que o cônjuge permaneça presente e se ofereça.

Ninguém pode deixar de reagir ao descobrir esta “incompletude”. Consentimento ou rejeição: não há outra alternativa. Quantos comportamentos, sobretudo de ordem sexual, mas também a nível social, não têm outra explicação senão a negação dessa pobreza. Os psicólogos sublinharam a importância de aceitar o nosso próprio sexo; terão eles salientado suficientemente que não é menos importante ser apenas um dos dois sexos e, portanto, aceitar a incompletude e a pobreza que daí decorrem?

E também à dependência, porque o pobre é necessariamente dependente. Recusar essa dependência é a reação de um adolescente receoso. Nesse caso explica-se: não quer sacrificar a sua autonomia e tem parcialmente razão. Mais tarde, mas só mais tarde, descobrirá que no amor o ser humano pode tornar-se dependente sem que essa dependência seja «alienação» nem abdicação da sua dignidade de pessoa. O adulto, de facto, encontra nessa dependência consentida o amadurecimento da sua personalidade, a exaltação da sua liberdade.

Uma pobreza muito mais radical

Sem dúvida, ao seguirem-me, já vislumbraram como Deus usa esta tomada de consciência pelo homem e pela mulher da sua “incompletude” de um em relação ao outro para servir os seus propósitos. Quer levá-los a descobrir uma “incompletude” muito mais profunda e a nela consentir. «*De facto, o amor de Deus apela*

em nós à mesma faculdade que necessita o amor das suas criaturas, esse sentimento de que sozinhos não somos completos e de que o Bem supremo no qual seremos plenamente realizados é alguém fora de nós». ¹⁴ O homem seria ridículo ao pretender ser autossuficiente e ignorar a outra metade do mundo; mas pretender prescindir de Deus não é só ridículo, mas singularmente mais grotesco e mais trágico. Para dizer a verdade, este é o pecado original: «*Sereis como deuses*» (Gn 3,5), sussurrou Satanás ao ouvido de Eva, autónomos, independentes, soberanamente livres!

Na relação com Deus, a pobreza do homem é absoluta (...). Poder-se-ia dizer que sem Deus o homem não tem princípio nem fim. De facto, o homem só existe por intervenção de Deus. Este «eu», senhor de si mesmo, que afirma: “*eu sou, eu quero, eu faço*”, não deu existência a si mesmo: é de Deus e foi dado por esse mesmo Deus. Mas há mais: é de Deus que em cada momento o homem recebe o seu ser. Assim como o ponto luminoso na parede do meu quarto existe devido ao raio de sol que passa através das persianas, também o meu ser não tem consistência nem permanência a não ser através da palavra criadora que me chamou à vida e nela me mantém.

Mas há uma pobreza mais dramática, aquela que consiste em existir e não poder alcançar nem abraçar aquilo para que cada um foi criado, em que encontraríamos plenitude de ser e de felicidade. Assim é com o homem em relação a Deus. Privado da amizade de Deus é um morto vivo, porque foi feito para Deus, para O conhecer, para O amar, para O possuir, tal como o olho está feito para ver, a mente para compreender, o coração para amar, o homem para a mulher e a mulher para o homem. Se a experiência do amor humano pode levar à compreensão e à aceitação desta pobreza

¹⁴ Paul CLAUDEL, Introdução a um poema sobre Dante em *Positions et Propositions*, T I, 1934, p. 431

fundamental face a Deus, deveria também tranquilizar quem, tendo atingido o limiar da fé, é invadido pelo pânico diante da ideia de dar o consentimento a Deus, de se lançar no abismo da total dependência d'Ele. Teme sacrificar a sua grandeza enquanto pessoa. É, em certo sentido, um sentimento respeitável: responde a uma ideia justa da sua nobreza; mas de quem recebeu esta nobreza senão de Deus? Todavia, Deus é ainda mais cioso do que o homem e não pode pedir ao homem que a negue. A experiência do amor é muito esclarecedora: doar-se, tornar-se dependente por amor, não nos faz cair na posse do outro, como o escravo que é uma coisa nas mãos do senhor, mas, pelo contrário, faz emergir a nossa personalidade em todo o seu esplendor. É difícil para a razão compreender, é uma verdade óbvia para quem ama.

Mas é preciso dizê-lo: tal como a união de dois seres exige que o amor entre eles permaneça vivo sob pena de se assemelhar ao acorrentamento de dois condenados, assim também a fé em Deus exige imperativamente, para ser vivida em toda a sua verdade, um amor de Deus fervoroso e vivo, cada dia novo e cada dia mais verdadeiro. Os místicos, porque fizeram esta experiência, cantam com entusiasmo a alegria de terem descoberto a pobreza radical e a dependência absoluta de Deus. E são verdadeiramente livres.

A gratuidade do amor

Este homem que, de repente, diante de uma mulher concreta, compreende que a esperava desde sempre, que sem ela está incompleto e não seria capaz de realizar a sua missão, começa por avançar como conquistador. Mas rapidamente se apercebe do seu erro. Até então tinha a sensação de que podia adquirir tudo pelo dinheiro ou conquistar pela força, intelectual, moral ou física.

Se falhasse, culpava-se a si mesmo, à sua falta de dinheiro ou de força.

Mas depois descobre um outro mundo, onde a riqueza e a força não têm valor: o mundo do amor. Seria ridicularizado se pretendesse obter amor por dinheiro! O Cântico dos Cânticos já o dizia há cerca de vinte e cinco séculos: "*Se alguém desse toda a fortuna da sua casa em troca do amor, certamente o desprezariam*" (Ct 8, 7). E se usasse a força, revelar-se-ia um bruto.

Nesse outro mundo, o mundo do amor, o mundo da pessoa, do mistério da pessoa, a pessoa não é algo de que nos apoderamos, mas uma liberdade que se entrega. E este dom do amor é uma espécie de milagre, imprevisível, sempre gratuito. Mas então, como obtê-lo? Só há dois caminhos. Ou seduzir, no sentido amplo da palavra, isto é, amar, amar com um amor tal que faça surgir o amor do coração do outro. Ou suspirar. A palavra parece ridícula e, no entanto, define uma grande realidade: a humildade de um ser que tanto confessa o seu amor como reconhece que não merece de modo algum este dom inestimável: o amor daquele a quem ama. Assim, quando os dois amores, tendo-se chamado um ao outro, se correspondem é numa atitude de reconhecimento maravilhado que cada um se abrirá ao dom do outro:

“Ajoelha-te e eu ajoelhar-me-ei! E acolhe a minha alma que, maravilhado, acolherei a tua com veneração nos meus braços, tendo-me ajoelhado, porque és criação de Deus. E protejo-a, apertando-a contra o meu coração”.¹⁵

Aqueles que receberam este presente inestimável não imaginem que o adquiriram de uma vez por todas. É todos os dias que devemos esperar com humilde reverência pelo dom do nosso ente

¹⁵ Paul CLAUDEL, L'Échange, em Théâtre I, La pléiade, Gallimard, 1964, p. 691

querido, todos os dias que devemos acolher maravilhados e com a gratidão do primeiro dia um dom que é novo a cada dia. Ai de quem cedesse à mentalidade de proprietário, ele próprio se excluiria do mundo do amor.

O Reino da Graça

Esta experiência da gratuidade projeta uma luz admirável sobre relação do homem com o seu Deus. Através dela o Senhor quer conduzir-nos à compreensão do mundo da graça. Graça e gratuidade são a mesma palavra.

Muito mais monstruosa do que a ambição de comprar o amor humano, estigmatizada pelo Cântico dos Cânticos, é a pretensão de obter, através do dinheiro, os dons de Deus. Tal pretensão suscitou uma ira violenta ao apóstolo Pedro: *«Ao ver que o Espírito era concedido pela imposição das mãos dos apóstolos, Simão ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: «Dai-me também a mim esse poder para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo». Mas Pedro disse-lhe: «Que o teu dinheiro vá contigo para a perdição, porque pensaste que podias comprar com dinheiro o dom de Deus» (At 8, 18-20).*

Menos grosseiro, mas da mesma ordem é o erro de todos aqueles que esperam a salvação pela observância de uma lei, pelas suas proezas morais, pelos seus méritos. Também eles não reconhecem a gratuidade e a transcendência da salvação cristã. Se isto fosse uma espécie de paraíso na terra, eles poderiam ser desculpados, mas a salvação que Deus nos oferece é outra coisa completamente diferente: é Ele próprio, conhecido, amado, possuído de amor. E esse, o dom do amor de uma pessoa, como

vimos, não se compra nem se merece. Muito menos quando se trata de Deus.

De facto, o homem diante de Deus deve compreender que o dom de Deus só pode ser uma pura iniciativa divina. Se há um ponto do dogma que a teologia há muito medita e ferozmente defende é o da absoluta gratuidade da graça. Ao homem cabe apenas acolhê-la e mesmo este ato, pelo qual se abre ao dom de Deus é, em si mesmo, um grande dom de Deus.

Devemos, portanto, desistir de conquistar a Deus com as nossas forças. Mas como podemos, então, obter o seu amor que descobrimos ser mais precioso para nós do que qualquer outra coisa? Entre o homem e a mulher falava de sedução; neste caso é excluída: amar a Deus a ponto de arrancar o amor do Seu coração, quem ousaria reivindicá-lo? Portanto, tudo o que resta é tornar-se "carente". Aqui radica o sentido profundo da oração. Ainda é necessário compreender que a oração não é uma pressão sobre Deus, mas uma *espera*, uma esperança, uma brecha no nosso ser, através da qual Deus penetrará em nós. Quando, por sua vez, Deus quer conquistar o homem e unir-se a ele por amor, só lhe resta respeitar a grande lei do amor que Ele mesmo promulgou e que defini acima: «*A pessoa não é algo de que nos apoderamos, mas uma liberdade que se entrega.*» E sendo assim, Deus tem de seduzir o homem. E é sob esta perspectiva que devemos compreender toda a História Sagrada. Com as suas "*magnalia*", as suas grandes obras e as suas confissões de amor, Deus começou por se ligar a um povo, um dos mais pobres e dos mais pequenos, e fê-lo tal como um homem conquista o coração de uma mulher. Fez-lhes propostas como um marido apaixonado: «*Pois, como um jovem desposa uma virgem, o teu construtor te desposará a ti*» (Is 62, 5). E quando, como uma mulher adúltera, Israel trai aquele que se dizia seu marido, este compromete-se cada vez a

conquistá-la de novo: «*Por isso a hei de seduzir: vou conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração*» (Os 2,16).

Finalmente, chegou a hora de Deus na suprema tentativa de sedução, a fim de conquistar não só o coração de um dos povos do universo, mas de toda a humanidade. E o Filho de Deus fez-se carne, habitou entre nós e deu aos homens a mais indiscutível prova de amor: «*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos*» (Jo 15,13).

Mas a grande maioria dos homens não sabe compreender a linguagem do amor! No entanto, durante vinte séculos, milhões de seres humanos deixaram-se seduzir, entregaram-se a Cristo, abriram-se ao dom de Cristo. E permanecem n'Ele e Ele permanece neles.

RESUMINDO

A incompletude: A relação amorosa revela a nossa pobreza radical ao tomarmos consciência da nossa incompletude. Esta descoberta espiritual mostra que dependemos do outro para alcançar a plenitude e aceitar essa carência leva-nos a uma maturidade pessoal que nos torna mais livres, enquanto a sua negação nos leva à insatisfação e à infelicidade.

Tal como o faz ao longo do seu discurso, o Padre Henri Caffarel transpõe esta tomada de consciência da nossa carência na relação de amor para a relação com Deus. Deus dá-nos a existência e a plenitude e compreender a nossa dependência absoluta d'Ele permite uma relação mais autêntica. Os místicos celebram esta pobreza

radical reconhecendo a sua total dependência de Deus e a plenitude que Ele oferece.

A gratuidade do amor: O amor não pode ser comprado nem obtido pelo mérito, como ilustra o Cântico dos Cânticos: “Se alguém desse toda a fortuna da sua casa em troca do amor, certamente o desprezariam”. As virtudes que o acompanham são a humildade, a espera, o dom e a entrega desinteressada. Na relação com Deus, isto significa que a Sua graça é um dom gratuito que não é obtido através de realizações ou de méritos. Este amor divino é generoso e abundante e a nossa tarefa é abrimo-nos para o receber.

Só nos resta rezar, encontrarmo-nos com Ele para nos dar a oportunidade de acolher a Sua graça derramada com generosidade e diante da qual muitas vezes passamos sem parar. A oração é a linguagem do amor com Deus, do nosso encontro e de nos prepararmos para O receber que está sempre à nossa espera.

O DEVER DE SE SENTAR (Pistas)

Há que encontrar um equilíbrio entre os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, baseados no carácter "sagrado" da sua natureza, e a força rígida da ideologia feminista que as apresenta como o produto puro e simples de uma "cultura" machista que nada tem a ver com a sua biologia.

Quando vemos como vivem jovens casais, é fácil reconhecer que são herdeiros dessa luta feminista irrefutável. As mulheres foram finalmente reconhecidas, pelo menos numa parte do mundo,

como iguais aos homens em dignidade, em inteligência, em capacidade de organização e de responsabilidade, mas é preciso que todas estas conquistas externas não a façam perder a sua identidade profunda. A mulher pode fazer as mesmas coisas que o homem, mas talvez as faça de forma diferente.

Dentro do casal, esta mudança no papel da mulher tem sido uma grande mais-valia, mas também uma causa de conflitos. Como gerir o trabalho em casa? Quanto tempo cada um dedicará às crianças? Será sempre o mesmo que abdicará de cargos profissionais de topo?

Se os jovens casais viverem isto como uma luta sempre ligada a uma igualdade ferozmente reivindicada, será difícil ter um clima de equilíbrio e de paz. Uma coisa é chegarem a um compromisso justo entre os dois para a partilha do fardo da vida familiar e profissional, outra é conhecer as diferenças na abordagem masculina/feminina que irão matizar todas as suas relações. Se não aceitarem que a diferente condição sexual de homens e mulheres não se limita aos órgãos biológicos, mas que afecta toda a sua vida, em todas as suas dimensões, não a viverão como fonte de riqueza, mas como causa perpétua de conflito. Se o equilíbrio que procuramos se basear apenas na justiça e nunca na gratuidade do amor-caridade, estará sempre em perigo. O objetivo da união homem/mulher é entrar em relação como homem e mulher para que, sobretudo, sejam um casal em plenitude.

Proposta de perguntas para o dever de se sentar

1. O amor do nosso cônjuge faz com que nos tornemos totalmente mulher e totalmente homem. Adão foi o primeiro a

experimentar a incompletude, esse sentimento de tristeza diante da realidade de uma carência, de uma ausência¹⁶.

Será que cada um de nós tem consciência da nossa incompletude? Em que momento da nossa história pessoal se manifestou, nos apercebemos dela? Como a definiríamos? O que é para nós “*essa outra metade do mundo*” que o nosso cônjuge nos proporciona?

2. “*As coisas são adquiridas, mas uma pessoa é recebida na medida em que também lhe é feito o dom de si mesmo...*” O que é que nos inspira esta frase?

Todos nós experimentamos a gratuidade do amor de Deus, do dom de Deus. Como é que isso nos ilumina na forma de viver o amor conjugal? No quotidiano das nossas vidas, como vivemos este dom recíproco, esta gratuidade, através das diversas tarefas ao serviço da comunidade conjugal ou familiar?

3. Em que medida o nosso amor conjugal nos faz tomar consciência da nossa pobreza pessoal? Da nossa dependência do amor? Como a vivemos? O que pensam do pensamento do Padre Henri Caffarel, segundo o qual a dependência do amor nos liberta? Procuremos juntos exemplos concretos.

4. Como e quando descobrimos a nossa incompletude em relação a Deus? Em que medida a nossa incompletude em relação ao nosso cônjuge nos permitiu descobrir uma

¹⁶ Génesis 1:26-27: Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança. Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.”

Génesis 2:20: “Por isso, o homem deu o seu nome a todos os animais domésticos, a todas as aves do céu e a todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele.”

Génesis 2:22-23: Com a costela que retirara ao homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então o homem disse: “Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne!...”

incompletude muito mais fundamental, muito mais profunda e aceitá-la? Vamos enumerar estas descobertas.

5. Como se complementam mutuamente a nossa pobreza conjugal e a nossa pobreza absoluta em relação a Deus? Estamos convencidos de que somos feitos para Deus, de que sem a amizade de Deus somos como mortos vivos? Como conquistamos e como cuidamos do amor conjugal e do amor de Deus no dia a dia?

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (Gn 2, 18-23)

“O Senhor Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele». Então, o Senhor Deus, após ter modelado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele. Então, o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher – Ishsha –, visto ter sido tirada do homem – Ish!».”

Questões para partilhar na reunião

1. O que descobrimos, que confirmações recebemos ao ler estes textos do Padre Henri Caffarel? Tanto para o nosso amor conjugal como para a nossa relação pessoal e de casal com Deus.
2. Que frutos do dever de se sentar deste mês poderíamos partilhar?
3. Um amor gratuito do nosso cônjuge e do Senhor constrói-se no dia a dia. Explicitar em que medida se pode converter numa fonte de graças para nós e para o nosso casal.

Capítulo 4: Vocação do amor

A fonte do amor cristão não está no coração do homem. Está em Deus. Aos cônjuges que querem amar, que querem aprender a amar cada vez mais, só se pode dar um bom conselho: procurar a Deus, amar a Deus, unir-se a Deus, dar-Lhe todo o espaço.

Quanto mais se abrem ao Deus do amor, mais rica é a sua relação de amor. Diante deles abrem-se infinitas perspectivas: o seu amor nunca acabará de crescer, porque podem abrir-se cada vez mais ao dom de Deus. Se querem que o seu amor seja uma chama viva, cada vez maior, amem a Deus cada dia mais.

O declínio de tantos amores pode ser explicado pelo esquecimento deste princípio fundamental: distanciar-se de Deus e pecar contra Ele é pecar contra o amor ao separar-se da fonte do Amor. Negar-se a Deus é negar ao cônjuge o pão de cada dia: o amor. Mente aquele que afirma valorizar o amor quando na realidade despreza o Amor.

O amor vem de Deus

Aquele que se separa de Deus, embora não perca a capacidade de amar, abandona, no entanto, o melhor do seu amor. Por outro lado, este cresce à medida que cresce o amor a Deus. *A união conjugal vale, em qualidade humana e em qualidade de eternidade, o que vale a união dos cônjuges com Deus.* Quanto

mais se abrem ao Deus do amor, mais rica é a troca de amor entre eles. Diante deles abrem-se infinitas perspectivas: o seu amor nunca deixará de crescer, pois podem abrir-se cada vez mais ao dom de Deus. Se querem que o seu amor seja uma chama viva, cada vez maior devem amar a Deus cada dia mais.

É graças à oração e aos sacramentos que os esposos bebem das fontes da graça divina. A Penitência alimenta a transparência dos seus corações e este gérmen de fogo, que a Eucaristia deposita em cada um, ilumina e aquece a sua vida conjugal. Quando os olhamos sob esta luz, a confissão antes do matrimónio e a comunhão durante a missa que se segue, assume um sentido extraordinário.

O amor vai para Deus

Deus está na origem do amor, mas está também no seu fim. O amor vem de Deus, vai para Deus; Deus é o alfa e o ómega do amor. O erro está em fazer do amor um absoluto, o fim último, um deus. Sem dúvida, os homens não cometeriam este erro se o amor não falasse tão bem de um outro amor, esse Amor do qual tem sede o coração humano.

Se o simples amor natural não fosse uma antecipação desse outro Amor, os homens não depositariam nele tantas esperanças e não o culpariam tão amargamente por os desiludir.

Estaríamos em paz com o amor se não brilhasse nele o fogo do Amor de Deus, que tem como missão convidar-nos a procurá-lo através d'Ele, mas sem nos determos n'Ele. Porque se o amor faz à humanidade uma promessa prodigiosa, fá-la em nome de outro

e esse Outro é o único que a pode cumprir. O amor é apenas um mensageiro, Deus é o seu Senhor.

O amor humano não é, conseqüentemente, «*a grande fraude*». Não é ele que engana, são os homens que se enganam. Se tivéssemos de falar de engano, não é o amor que é o culpado, mas aqueles que fazem dele um deus todo-poderoso, capaz de saciar o coração humano. Esta é a grande mentira. Enganado, *o coração do homem pede tudo do amor e o amor decepciona-o*. Como poderia ser de outra forma? A criatura não pode saciar um coração que espera um amor à medida do seu Criador. Esta decepção faz muitas vezes com que se perca a fé no amor e esta descrença é uma falta tão grave como seria a de o idolatrar. Depois de ter esperado tudo do amor, o coração humano renuncia ao que poderia esperar dele: um caminho para ir a Deus. Era isso que lhe devíamos ter pedido desde o início. O amor humano é um meio e não um fim; mas o meio é poderoso.

Para o coração humano, o amor é, de facto, a grande oportunidade. Arranca-o de si mesmo como das garras injustas das criaturas. Torna-o livre, oferecido. A chegada do amor é uma hora de graça. “*Por que não confiar e seguir essa força que nos chama a sair de nós mesmos?*”, diz uma heroína de Claudel¹⁷. Segui-la para além do amor, até que nos leve ao autor do amor.

Nos amores felizes, os esposos não demoram muito a encontrar Aquele que vive no centro da sua união. Alguém escrevia: «*Compreendo cada vez mais que o verdadeiro matrimónio é o da alma com o seu Deus*». Nos amores dolorosos, o sofrimento cava no coração o lugar em que Deus poderá habitar se o coração infeliz não cair na tentação do desespero ou, ainda mais grave, na de negar essa fome de amor e de infinito no mais profundo do seu ser.

¹⁷ Paul CLAUDEL, *Le Soulier de satin* en Théâtre II, La pléiade, Gallimard, 1965, p. 858

Por isso, nestes lares sofredores, é também verdade dizer que o seu amor conduz a Deus.

Ao longo da vida de um casal, um amor vivo nunca deixa de ser um caminho para ir a Deus, pois é a grande escola da doação e da abnegação.

O amor é um meio e mais do que isso. Um meio é abandonado quando o objetivo é atingido, o barco agora inútil é esquecido na costa. Os esposos devem conduzir para Deus esse amor que os tinha levado até Ele. O amor colabora na sua salvação: devem trabalhar quotidianamente para a salvação do amor. Mas há uma mudança que vai acontecendo gradualmente. Enquanto no início tomavam o caminho do amor para ir a Deus, chega um dia em que parece mais verdadeiro dizer que passam por Deus para ir para o amor. Ou melhor, o seu amor está em Deus e não há necessidade de deixar um para ir para o outro.

O amor como fonte de graça

Deus já está presente no coração do simples amor natural, dizíamos, e aqueles que o procuram encontram-no. Mas nos lares cristãos fundados no sacramento do matrimónio, a sua presença é infinitamente mais real e mais eficaz.

Não é o amor propriamente dito que se torna sacramento, é o compromisso e a união que vivem; mas o amor, inspirador deste contrato e alma viva desta união, participa no sacramento; dele poder-se-ia dizer que *não só é santificado, mas também santificante*.

Durante séculos, os homens pediam ao amor a doçura e a alegria de viver: pediram-lhe tudo; e, no entanto, não esperavam tudo o

que lhes poderia ser dado. Cristo veio e agora o amor é capaz de transmitir aos homens a vida divina. O amor, causa da alegria, tornou-se fonte de graça. Os homens pediam-lhe tudo; dá-lhes mais do que tudo, porque lhes dá a causa de tudo: Deus.

E se é verdade que os cristãos casados devem recorrer frequentemente aos sacramentos e em particular à Eucaristia, o maior de todos, não é menos lamentável que ignorem tantas vezes que também podem encontrar graça no seu amor, nos seus lares, onde brilha a chama inextinguível do sacramento. Nas suas casas, nas profundezas da sua união, Jesus Cristo espera-os para se entregar a eles. O Papa Pio XI, para nos dar uma compreensão deste mistério, convida-nos a comparar o sacramento do matrimónio com o sacramento da Eucaristia. Para isso, cita as palavras do Cardeal Bellarmin: «O sacramento do matrimónio pode encarar-se sob dois aspetos: o primeiro enquanto se celebra, o segundo enquanto perdura depois de ter sido celebrado. Isto porque é um sacramento semelhante à Eucaristia, sacramento que o é não só enquanto se recebe, mas também enquanto perdura, uma vez que enquanto os cônjuges viverem, a sua união é sempre sacramento de Cristo e da Igreja.» (Encíclica *Casti connubii*).¹⁸

O Amor, mensagem de Deus

Louvado seja Deus, o amor deve ser também uma mensagem de Deus.

A obra dá testemunho do talento do artista: uma peça musical, por exemplo, dá-nos acesso à vida profunda de J.-S. Bach. Do mesmo modo, as criaturas falam-nos do Criador e revelam-nos os seus

¹⁸ Citado por PIO XI na Encíclica *Casti Conubi*, Roma, 31 de dezembro de 1930

pensamentos e as suas perfeições. Os céus estrelados comunicam-nos a sua ciência, o oceano manifesta-nos o seu poder, o olhar límpido de uma criança dá-nos um vislumbre da sua pureza, mas o amor dá-nos uma confiança muito mais profunda, infinitamente mais enriquecedora para o coração humano: ensina-nos o amor que habita no Coração de Deus.

Um grande amor humano prova que o amor existe na terra — e esta é já uma notícia singularmente importante para muitos dos nossos contemporâneos que perderam a fé no amor — mas, acima de tudo, oferece-nos uma imagem autêntica da casa divina, desse amor do Pai e do Filho na unidade do Espírito Santo: proclama que «Deus é amor». O amor humano é a referência que nos ajuda a compreender o amor divino. Através do seu poder de fazer de duas pessoas uma só, salvaguardando a personalidade de cada uma, o amor permite-nos compreender a misteriosa união de Cristo com a humanidade e do casamento espiritual da alma com o seu Deus.

Esta é, pois, a mensagem de Deus que o amor conjugal é responsável por levar aos homens. E a sua importância permite-nos medir a estima e a confiança que Deus lhe confia.

RESUMINDO

Para o Padre Henri Caffarel, há uma diferença fundamental entre o amor que os casais cristãos, especialmente os unidos pelo sacramento do matrimónio, têm um pelo outro e o dos não crentes. Trata-se de localizar correctamente a fonte deste amor, que alguns pensam depender exclusivamente de nós. Por outro lado, ter a certeza de que está em Deus pode proporcionar-nos um adicional de profundidade e de

qualidade. Ter uma visão clara da origem desta fonte abre-nos a um mundo de possibilidades e de crescimento nesse amor. Em contrapartida, o declínio de tantos amores poderia ser explicado pelo distanciamento de Deus e pelo pecado da separação da fonte do amor.

Para nos aproximarmos de Deus, temos a oração e os sacramentos que assumem uma nova dimensão, convertendo-se em fonte e alimento do nosso amor. Além disso, esta graça onde encontramos a origem do amor é também o destino final. Deus é o princípio e o fim, o alfa e o ómega. O amor vem de Deus e vai para Deus.

Mas o amor humano tende a ficar decepcionado diante da imensa sede que todos temos de amor absoluto. E só Deus pode dar este amor absoluto. Fazer do amor humano um absoluto é um erro muito comum, porque os sentimentos podem ser mutáveis e muitas vezes não somos capazes de satisfazer as exigências de um amor que só Deus pode satisfazer.

Ao longo de toda uma vida matrimonial, um amor vivo nunca deixa de ser um caminho para Deus, um instrumento que, no caminho de santidade que percorremos juntos, nos ajudará a chegar a Deus. Porque Deus já está presente no amor humano, mas nos casais cristãos fundados no sacramento do matrimónio a sua presença é mais *real*, mais santificante, porque é fonte de graça, dado que este *Amor* é capaz de satisfazer os nossos desejos mais profundos.

A imagem impactante de um casal que se ama profundamente é uma verdadeira imagem de Deus e um testemunho poderoso. Este amor humano ajuda os outros a compreender melhor o amor divino, pois Deus é amor.

O DEVER DE SE SENTAR (Pistas)

Actualmente esperamos demasiado do amor conjugal: que acolha, que compreenda, que avance, que se expresse, que escute, que responda, que aguente, que proteja.... Esperamos demasiado do outro, que é uma pessoa imperfeita e limitada como nós próprios. Acreditamos que toda a solidão será preenchida, que toda a incerteza desaparecerá, que todo o diálogo chegará às profundezas da alma, que todos os erros serão desculpados. E se algum dos dois falha, é a decepção, é o fim. Esperávamos um amor sem fissuras, sem desculpas, sem censuras; um amor perfeito, incondicional e total.

Deus colocou uma tal sede de amor no coração do homem que ele o procura incansavelmente ao longo de toda a sua vida e crê que o pode encontrar de modo privilegiado no amor conjugal, mas só Deus é a resposta a esta busca. Esta sede não pode ser totalmente saciada por outro ser humano. Esquecemos a fonte e procuramo-la onde ela se reflete, mas esse reflexo, mesmo que já seja uma promessa, não pode substituir a verdadeira fonte.

Proposta de perguntas para o dever de se sentar

1. Em que medida já experimentámos as desilusões anteriormente mencionadas? Demos um ao outro exemplos concretos. Que explicações podemos dar para estas situações?
2. «*A fonte do amor cristão não está no coração do homem. Está em Deus*». O que pensamos desta afirmação tão forte do Padre Henri Caffarel? Em que medida, no nosso casal, uma certa distância em relação a Deus ou talvez, em alguns casos, um esquecimento de Deus prejudicaram a qualidade do nosso amor conjugal? Por outro lado, quais foram as consequências para o nosso amor conjugal quando um ou outro ou ambos estivemos mais próximos do Senhor? Concretamente, como temos sido capazes de viver esta maior proximidade com o Senhor e como podemos torná-la cada dia mais presente?
3. “*Enquanto no início tomavam o caminho do amor para ir a Deus, chega um dia em que parece mais verdadeiro dizer que passam por Deus para ir para o amor. Ou melhor, o seu amor está em Deus e não há necessidade de deixar um para ir para o outro*”. Dependendo de há quanto tempo estejamos casados, esta etapa pode ainda não ter acontecido. Em qualquer caso, o que pensamos desta afirmação? Vivemo-la na nossa relação conjugal? Que obstáculos encontramos neste caminho e como podemos remediá-los?
4. “*Deus já está presente no coração do simples amor natural*”, dizíamos, “*e aqueles que o procuram encontram-no. Mas nos lares cristãos fundados no sacramento do matrimónio, a sua*

presença é infinitamente mais real e mais eficaz”. Como definiríamos o nosso sacramento do matrimónio? Como o vivemos? Quais são os seus efeitos tangíveis na nossa relação conjugal?

5. O Padre Henri Caffarel insiste nas graças obtidas pelo amor conjugal e nas graças obtidas pelo sacramento do matrimónio? Podemos nomeá-las e explicá-las tal como as vivemos na nossa relação?

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (Rm 8, 31-39)

“Perante isto, que diremos, então? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele, que não salvaguardou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não haverá de nos conceder, juntamente com Ele, todas as coisas? Quem poderá acusar os eleitos de Deus? É Deus quem justifica. Quem os poderá condenar? Cristo Jesus, que morreu e, mais ainda, que ressuscitou, está sentado à direita de Deus e intercede por nós. Quem nos poderá separar do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, ou a espada? Assim está escrito: Por causa de ti somos sujeitos à morte o dia inteiro, somos considerados como ovelhas para o matadouro. Mas em tudo isto somos mais que vencedores, graças Àquele que nos amou. Estou, de facto, convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem as coisas presentes nem as que estão para vir, nem as potestades, nem a altura nem a profundidade, nem qualquer outra criatura, nos poderá separar do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor.”

Questões para partilhar na reunião

1. Na sequência da nossa reflexão durante o dever de se sentar (questão 4), partilhemos como vivemos o sacramento na nossa relação conjugal.
2. *“Se tivéssemos de falar de engano, não é o amor que é o culpado, mas aqueles que fazem dele um deus todo-poderoso, capaz de saciar o coração humano. Esta é a grande mentira”.*
Certamente fizemos esta constatação para nós mesmos ou para os que nos são próximos. Como é que isso nos incita a ser testemunhas da boa nova do matrimónio cristão? Em particular, em relação aos nossos filhos, netos, afilhados... Como nos podemos proteger do risco de um dia considerarmos que o nosso amor humano será suficiente para nos sentirmos totalmente saciados?
3. Falamos frequentemente das graças do sacramento do matrimónio. Na sequência da leitura destes textos do Padre Henri Caffarel e do nosso dever de se sentar, podemos nomeá-las distinguindo entre as graças vividas e aquelas de que mais dificilmente nos apercebemos? Em que medida isso nos conforta na necessidade de sentir a presença de Deus no amor conjugal? De que forma o nosso sacramento do matrimónio é um tesouro? Conduz-nos à santidade? Como é que somos obrigados a dele dar testemunho?
4. Como poderíamos confiar mais no nosso sacramento do matrimónio para superar certas dificuldades conjugais ou para tornar o nosso amor ainda mais altruísta?

5. «É graças à oração e aos sacramentos que os esposos bebem das fontes da graça divina. A Penitência alimenta a transparência dos seus corações e este gérmen de fogo, que a Eucaristia deposita em cada um, ilumina e aquece a sua vida conjugal». Como é que a nossa oração pessoal e conjugal nos permite «beber das fontes da graça divina»? De que modo experimentámos «este gérmen de fogo» que é a Eucaristia, que «ilumina e aquece a vida conjugal»? Temos o cuidado de determinar juntos, antes de cada Eucaristia, a oferta comum que levaremos para que a nossa vida matrimonial seja concretamente transformada?

Capítulo 5: Cuidar do amor

O texto que se segue apresenta uma série de considerações gerais que o Padre Henri Caffarel propôs aos “Foyers qui souffrent” (Lares que sofrem), casais que, diante das dificuldades, poderiam ser tentados a afastar-se ou a desistir. Trata-se de uma série de propostas chamadas *remédios* que ele pensava que poderiam ser úteis para muitos.

Um esforço de lucidez

E, em primeiro lugar, temos de fazer um esforço para sermos lúcidos; *é preciso querer ver*; mesmo que isso leve a descobertas que magoam e, sobretudo, se somos levados a desmascarar erros pessoais, a condenar-nos a nós mesmos. Como seria desejável que este esforço pudesse ser feito a dois! Para dizer a verdade, quando os cônjuges o empreendem juntos, já não estão desunidos. Temos de fazer tudo o que seja possível para garantir que um dia esta conversa leal possa acontecer. «Fazer tudo o que seja possível» não significa apressar as coisas: é muitas vezes mostrar uma grande sabedoria o saber esperar, contemporizar; um passo em falso pode ameaçar e atrasar consideravelmente o tempo da cura. E também é verdade que, se é preciso saber esperar, por prudência e com paciência, seria errado fugir às questões por cobardia. Não é verdade que, na escuridão, tudo

toma a forma de fantasmas ameaçadores que se desvanecem como por magia quando se faz luz?

Fazer luz é procurar as causas do mal. As mais visíveis nem sempre são as mais reais: não nos devemos deixar hipnotizar por elas. É sempre preciso dar mais um passo em frente. Sem ter medo de constatar os erros do cônjuge, não devemos, sobretudo, deixar-nos cegar em relação aos nossos próprios. É necessário olhá-los de frente. Não tanto para os lamentar – os grandes desesperos não são solução – mas para os reconhecer diante de si próprio e, talvez, quando chegar a hora, diante do outro. Eu realmente acredito que muitas situações se envenenam porque os cônjuges recuam diante de um esforço de procurar com franqueza. Se o tivessem feito, talvez tudo se tivesse resolvido mais rapidamente. A verdade liberta.

Uma vez identificadas as causas do mal, há que procurar os verdadeiros remédios. O paliativo acalma momentaneamente a dor, mas, não tratando a causa, não a cura.

Mudar o coração

O primeiro remédio é, muitas vezes, *mudar o coração*. Ah, sei que esperamos que o cônjuge se transforme; mas se ambos reagirem assim, é muito provável que nada mude! Quantas coisas é preciso corrigir no fundo do coração! E sobretudo, não encontramos nele, ainda vivas, as raízes dessa erva daninha que é a ilusão da felicidade? Como se a felicidade perfeita pudesse existir na terra, como se o casamento nos trouxesse uma felicidade já pronta.... Quantas catástrofes têm a sua origem nesta ilusão de tantos jovens casais! Deve, de uma vez por todas, ser exorcizada.

Depois, temos de lutar contra as desilusões e os seus frutos venenosos. Estou a pensar, em particular, nesses rancores, nessas animosidades que proliferam num coração que se julga injustiçado. Olhem um pouco mais de perto e talvez discirnam em tudo isto aquele sentimento que ainda não nomeei e ao qual muito poucos se atrevem a dar o seu nome próprio: o *ódio*. Ah! Peço-vos que não se precipitem, ao ler esta palavra, que a paixão que ela designa vos é estranha. Sei bem que, nas vidas agitadas de hoje em dia, os nervos se sobrepõem muito rapidamente, sem que haja más intenções. E tenho o cuidado de não confundir a impaciência com o ódio. Mas também sei que é perigoso dar rédea solta a estas irritações que, inofensivas no início, contaminam a pouco e pouco o coração e correm o risco de suscitar o ódio: tenhamos a coragem de chamar pelo seu nome esse réptil que desperta em nós em certos momentos, que se levanta e assobia. Não é o ódio que se manifesta em tantas reações descontroladas?

Esta alegria de surpreender o outro no seu erro, esta amarga necessidade de ter razão contra ele, esta alusão venenosa a falhas passadas, esta busca de queixas – como um caçador que coloca mais flechas na sua aljava – esta obsessão ciumenta de não perder nenhuma oportunidade de fazer deslizar o veneno do desprezo numa palavra ou num gesto; não será isso o ódio, mais ou menos grave consoante o caso, mas sempre pernicioso? Durante algum tempo, pode coabitar na alma com o amor, mas um dia, como um parasita invasor, irá sufocá-lo. Peço desculpas pelo que pode parecer cruel nas minhas palavras, mas não se pode limpar uma ferida sem causar sofrimento ao paciente. Há, de facto, corações pacientes e generosos, infinitamente bons e misericordiosos, que não conhecem este sentimento. Sem dúvida são raros, mas eles próprios não estão imunes às tentações do ódio.

Devemos cultivar dentro de nós o antídoto para o ódio: a misericórdia que perdoa. Perdoar é rasgar a página em que se escreviam, com malícia ou raiva, as dívidas do cônjuge e recuperar diante dele a atitude de doação sem reservas. Creio que tocamos aqui num dos centros nevrálgicos da vida do lar. É inútil procurar outros remédios até que se tenha obtido a graça de *saber perdoar* “setenta vezes sete”, se necessário. Que alívio para o coração que sabe perdoar! Acabou esse clima letal de queixas, de censuras, de exigências. Sem dúvida a dor permanece, mas já não há amargura. E porque optámos pelo perdão – não o perdão altivo dos orgulhosos, mas o perdão humilde daqueles que não hesitam em reconhecer seus próprios erros – talvez o cônjuge possa renascer para o amor.

Mudar o coração é também e talvez mesmo mais *mudar o olhar*. Abandonar o olhar crítico para adotar o olhar do amor que, através da casca mais ou menos áspera, adivinha uma seiva viva, que trabalha no interior e que prepara os botões e as flores de uma primavera por vezes mais próxima do que pensamos. Quem vos diz que, atrás dessa pessoa, aparentemente indiferente, dura ou teimosa, não há um coração de criança que chora, ou que sangra e que grita por socorro? Tantos adultos, aparentemente maus, são apenas pobres crianças que precisam que alguém as embale! Tantas coisas e tantas pessoas os decepcionaram ou magoaram, que já não se atrevem a acreditar no amor e que se revestem de armaduras para se protegerem dos golpes. O vosso olhar de amor atravessará a armadura.

Trabalhar para a felicidade do cônjuge

Mas não basta mudar o coração; é preciso amar. E se esquecemos como se ama, devemos aprender de novo. Reencontrar aquele

amor que vos fazia dizer, no dia do vosso noivado: serei capaz de o fazer feliz? — e que prometia não poupar nada para o conseguir. Voltem às resoluções dessas horas radiantes. Compreendam o que há de errado na forma como fazem as coisas e evitem-no escrupulosamente. Adivinhem os seus desejos, esforcem-se por lhes dar resposta. Que nada vos seja estranho do mundo que o outro carrega dentro de si: interessem-se pelos seus pensamentos, pelos seus sentimentos, pelas suas alegrias, pelas suas tristezas, pelos seus projetos. Saibam discernir no que ele é e no que ele faz o que merece a vossa admiração e demonstrem-no. Não deixem de reconhecer os gestos de delicadeza, por mais modestos ou desajeitados que sejam, com os quais ele tenta testemunhar-vos um pouco de amor. Assim, encorajam-no a amar. Encorajem-no também a dar: é necessário saber precisar do outro. Talvez ainda não esteja partida nele essa mola que em cada pessoa é a imagem do impulso mais secreto do Coração de Deus: o desejo de fazer os outros felizes.

Notaram que não vos falei de trabalhar na “conversão” do vosso cônjuge – por muito necessária que fosse – mas apenas de *nos preocuparmos com a sua felicidade?* Creio verdadeiramente que a melhor maneira, preferível a todos os sermões e a todo zelo, tão rapidamente incómodo, de obter a transformação do outro é trabalhar para a alegria desse outro.

Partilhar

Amar é também partilhar. É difícil, esta partilha, quando se está diante de alguém que não tem fome; mas não a devemos renunciar a nenhum preço. Quando falo de partilhar, penso sobretudo num pôr em comum dos bens espirituais. Se não deixam que o outro veja a vossa alma com os seus desejos, as

suas alegrias, as suas aspirações, a sua vida profunda, como querem que o outro vos ame? Foi a descoberta da vossa alma viva que um dia captou o olhar do outro e despertou o seu coração; mas hoje, se colocarem a “couraça”, se lhe negarem o que há de amável em vós, deixam de o ajudar a amar. Porque é que tantos esposos esquecem que uma das grandes leis do amor é trabalhar todos os dias para a conquista do outro? Tal como nos primórdios, o meio continua a ser o mesmo: agradar. (...)

Não hesito em acrescentar: saibam partilhar as vossas queixas. Desconfiem desse muro de silêncio que separa muito mais as pessoas do que os mares ou os continentes. Mas há formas de o fazer.... Admitam a reciprocidade. Inclusivamente provoquem-na. Como podem ser benéficas essas horas em que, na calma da noite, toda a irritação apaziguada, os cônjuges confidenciam um ao outro o que pesa nos seus corações! Não para aliviar o seu egoísmo, mas por amor. Uma queixa confessada...

Recorrer às graças do sacramento do matrimónio

Para concluir, gostaria de vos falar da mais verdadeira razão para terem esperança: o vosso sacramento do Matrimónio. Ele é uma força em ação em vossa casa, que, para favorecer a vossa união recorre aos menores esforços e até mesmo à falta de jeito e aos erros. Mas exige a vossa cooperação. Porque *«assim como na ordem da natureza, para que as forças concedidas por Deus manifestem toda a sua eficácia, devem ser aplicadas pelos homens com o próprio trabalho e cuidado, e se o não fizerem nenhum resultado deles tiram, assim também as forças da graça, que do sacramento derivam para o coração e nele permanecem,*

devem ser utilizadas pelos homens por empenho e cuidado próprio»¹⁹ (Pio XI).

É a vossa confiança que permitirá que este grande sacramento exerça toda a sua eficácia. Multiplicai, pois, os atos de fé na sua virtude, para obter a sua graça curativa, pacificadora, reconfortante, unificadora. O mesmo Pio XI escrevia: «*É-vos conferido o direito ao auxílio atual da graça*». Compreendem o que há de formidável nestas palavras: ser conferido o direito? A derrota de um lar é muitas vezes devida à derrota da sua fé. O verdadeiro cristão sabe, por outro lado, que não há situações desesperadas: se embater no rochedo, uma fonte pode jorrar dele; o coração mais duro pode abrir-se; o deserto pode florir. Ah! Como é belo este amor, este amor depois da provação, tão mais forte, tão mais puro e tão mais transparente do que no primeiro dia! Como é bom estar debaixo deste teto.

RESUMINDO

O Padre Henri Caffarel oferece-nos um manual antológico para resolução de conflitos dentro do matrimónio. Fala-nos da importância de termos a vontade de querer corrigir as coisas e de mostrar um esforço de lucidez no caminho para a cura do amor: “é preciso querer ver”. E o melhor é enfrentar juntos este processo, o que não é nada fácil. É preciso saber esperar o momento adequado para os dois, mas sem o evitar por alguma cobardia. No final, a graça de Deus acompanhar-nos-á sempre e lançará a Sua luz sobre nós. E é necessário ser corajoso para saber reconhecer as

¹⁹ Pio XI, Encíclica Casti Conubi, III, 31 de diciembre 1930

nossas fraquezas com honestidade. Devemos pedir o olhar de Jesus para ver a verdade na nossa relação.

Partindo da verdade, ganharemos a liberdade para procurar remédios e para mudar o coração. A primeira coisa a mudar é a ideia de que é o outro que deve mudar. Talvez seja verdade, mas temos pouca capacidade para o conseguir. No entanto, nós mesmos podemos mudar a nossa maneira de ver e de esperar. Numa relação com muitos anos podem desenvolver-se sentimentos muito negativos em relação ao nosso cônjuge, de ressentimento e até de ódio. Talvez não em relação à pessoa, mas em relação a algumas de suas atitudes. Se deixarmos esta erva daninha crescer sem a tratar, ela sufocará o nosso amor. É aqui que devemos mudar o nosso coração e deixar entrar a luz do perdão, que é o antídoto para o ódio. Saber perdoar "setenta vezes sete" se necessário e mudar o olhar crítico para adotar um olhar amoroso serão os nossos desafios para mudar o coração.

Mas o Padre Henri Caffarel vai mais longe e afirma que não é apenas necessário mudar o coração, mas que é preciso amar. E se nos esquecemos disso, devemos reaprender recordando como nos amávamos durante o nosso noivado, quando trabalhávamos para a felicidade e alegria do outro, que é a melhor maneira de o transformar.

Finalmente, a nossa maior razão de esperança reside no sacramento do matrimónio. Este sacramento, como todos os sacramentos, é uma fonte de graça quando o colocamos em prática através da oração e da fé. O Padre

Henri Caffarel afirma que o colapso de um casamento muitas vezes tem a sua origem no colapso da fé.

O DEVER DE SE SENTAR (Pistas)

É impossível viver juntos ao longo dos anos sem que irremediavelmente a rotina apareça. A vida é em grande parte feita de rotinas às quais não podemos escapar. Os dias sucedem-se com quase os mesmos horários, a mesma repetição de gestos, as mesmas tarefas, as mesmas dificuldades.

Os diálogos são encurtados ou repetitivos. As palavras apenas nos dizem o que está a acontecer e, muitas vezes, apenas o que está a correr mal: dificuldades no trabalho, desentendimentos com colegas, pequenos problemas relacionados com crianças, mal-entendidos com as famílias de origem ou, o que é pior, queixas e exigências. A rotina pode causar uma crise insidiosa que destrói a vida, os projetos e os sentimentos.

Contentamo-nos apenas em fazer o que é preciso fazer no dia a dia. Sabemos que a culpa não é do outro, mas interiormente atribuímos-lhe as culpas por não conseguir quebrar esse círculo fechado que construiu o tédio em que ambos se sentem aprisionados. Contentamo-nos com aguentar, suportar, dizer a nós mesmos que a vida é assim e que não há nada que possamos fazer a esse respeito. E, no entanto, para que o amor esteja vivo é preciso que integre o inesperado, a surpresa, precisa de não ficar nas insinuações, de se manifestar em palavras, em gestos que de vez em quando reavivem a sua vitalidade.

Por fim, se o perdão se tornar necessário, veremos que o perdão é possível e é ocasião para uma renovação milagrosa do amor se for

dado e recebido como deve ser dado e recebido. Se for arrogante, o perdão gera revolta, recusa. Se for reticente, sobrecarrega o outro porque tem sempre medo de uma recaída. Sem amor não se conseguem libertar nem salvar. O verdadeiro perdão, fruto de um amor puríssimo que só Deus pode gerar nos nossos corações, pode fazer jorrar uma nova vida no coração do que perdoa e do que é perdoado.

Proposta de perguntas para o dever de se sentar

Um olhar lúcido sobre a “rotina”: a rotina é o que salva o casal...

Uma afirmação surpreendente. Porquê?

Imaginem que todos os dias, ao sair da cama, faziam a vós mesmos as seguintes perguntas:

- Onde vou dormir esta noite?
- Onde vou trabalhar hoje?
- Quem vou amar ao longo do dia?
- Se isto sucedesse ininterruptamente seria insuportável, a ansiedade preencheria os nossos dias. O ser humano precisa de uma base segura. Para quê? Precisamente para aí colocar a sua quota de criatividade e de imprevisto. E esta segurança, esta confiança no outro baseada numa organização humana permite que nos surpreendamos mutuamente e que inventemos "prendas" para o outro onde o amor será alimentado.

1. Certamente já experimentámos a rotina na nossa vida conjugal e pudemos constatar que pode tornar nosso amor

mais sem graça, aborrecido ou até mesmo levar a uma crise mais ou menos bem superada. Podem enumerar o que, para um e para o outro, constitui uma rotina pesada? Como podemos, para além de uma rotina por vezes inevitável, introduzir a novidade, o imprevisto, a fantasia, o humor....? Que palavras, que gestos nos permitiriam reavivar a vitalidade do nosso amor e a nossa própria vitalidade?

2. “Um esforço de lucidez que precisa de ser preparado”.

1º passo, que pode ser uma preparação pessoal para responder às seguintes perguntas, se possível por escrito:

- Como nos sentimos nas nossas vidas? Como nos sentimos na nossa relação? Tenho pontos delicados e dolorosos sobre os quais gostaria de falar com o outro? Quais?
- Em que ponto está o nosso amor? Como evoluiu desde o emaravilhamento do primeiro dia? Pode ter sido prejudicado em alguns momentos pela nossa atitude.

2º passo, partilhar as nossas respostas com o nosso cônjuge:

- O que cada um escreveu,
- As insuficiências que identificámos, quer individualmente as nossas próprias, quer como casal. Procuremos determinar as causas. Por fim, esforcemo-nos por encontrar soluções para tudo o que prejudica o nosso amor conjugal.

3. Mudar o coração.

Entre os remédios identificados durante a partilha da questão anterior, provavelmente notámos a necessidade de mudar o nosso coração.

O Padre Henri Caffarel fala-nos da ilusão da felicidade, da ilusão de uma felicidade perfeita e fácil na terra. Em que medida essa ilusão ainda está momentaneamente viva nas nossas mentes?

Só o perdão incessante permite redescobrir a atitude da doação sem reservas, um olhar de amor e já não um olhar crítico. Em que medida conseguimos ter essas experiências?

4. Trabalhar para a felicidade do cônjuge.

“É preciso amar”, diz-nos o Padre Henri Caffarel. Reaprender a amar se necessário, redescobrir esse amor do primeiro dia totalmente orientado para a felicidade do cônjuge.

Em relação ao nosso cônjuge, digamos de que forma nos interessamos pelos seus pensamentos, pelos seus sentimentos, pelas suas alegrias, pelas suas tristezas, pelos seus projetos. Ainda admiramos o nosso cônjuge? Como o manifestamos e como o nosso cônjuge percebe ou não essa admiração?

5. Amar é partilhar.

Conversemos sobre como partilhamos os bens espirituais, a vida espiritual, a nossa alma e o que há de profundo nos nossos corações. Mas também as nossas alegrias e as nossas mágoas.

6. Por fim, não poderíamos, se ainda não o fazemos, reservar um tempo todas as noites para reler o modo como temos vivido e sentido o amor conjugal? Demos graças por tudo de belo que vivemos e peçamos perdão pelas nossas falhas.

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (Col 3, 12-17)

“Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Assim como o Senhor vos perdoou, também vós o deveis fazer. Mas, sobre tudo isso, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição. Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual também vós fostes chamados num só corpo, e vivei em ação de graças. A palavra de Cristo habite em vós com abundância, para que vos possais instruir e aconselhar uns aos outros com toda a sabedoria, cantando a Deus nos vossos corações, em ação de graças, com salmos, hinos e cânticos divinamente inspirados. E tudo o que fizerdes, por palavras ou por obras, seja tudo em nome do Senhor Jesus, dando graças, por meio dele, a Deus Pai.”

Questões para partilhar na reunião

Tendo em consideração as muitas questões importantes e variadas deste capítulo, que estão incluídas nas propostas para o dever de se sentar, propomos que seja dedicado tempo suficiente à troca de ideias sobre este ponto concreto de esforço. Cada equipista/casal pode escolher as perguntas sobre as quais tenha refletido e que queira partilhar durante esta reunião de forma mais concreta.

Capítulo 6: Cultivar o amor conjugal

O Ágape conjugal

Para marcar a originalidade do amor fraterno cristão, para que não fosse assimilado a outra forma de amor, os escritores do Novo Testamento usaram uma palavra grega que não era de uso corrente: *ágape* (do grego clássico: ἀγάπη)²⁰. Não saberíamos como traduzi-la para português... O termo amor é demasiado comum; quanto ao termo caridade, que é a sua verdadeira tradução, tem sido totalmente banalizado e desprezado com a invenção das vendas e dos bazares de caridade! Tanto que esta palavra, nobre entre todas, na linguagem quotidiana se tornou sinónimo de uma condescendência vagamente piedosa. (...)

Cristo convida-nos a amar todos os nossos irmãos e irmãs. Mas, como é totalmente impossível amá-los a todos com o mesmo amor concreto e eficaz, o Senhor quer que estejamos mais particularmente comprometidos com alguns deles para que com eles possamos ir o mais longe possível na prática do ágape. E parece-me ouvir Cristo dizer aos cristãos casados: *«Devem viver o meu mandamento na relação humana mais próxima, mais forte e mais íntima: o matrimónio. Amai-vos um ao outro como Eu vos ame!»*.

²⁰ Ágape designa, antes de mais, o amor com que as pessoas divinas se amam umas às outras, depois o amor com que amam os homens e, finalmente, esse mesmo amor, próprio de Deus, mas comunicado ao homem para que ame a Deus e a todos os homens. O ágape proposto pelo mandamento novo está entre todas as formas de ágape, o ágape fraterno, aquele que se estabelece entre os discípulos de Cristo

Amor e ágape

“Amai-vos um ao outro como eu vos amei!” O que tencionam fazer, marido e mulher, para responder a esta exigência de Cristo, para conseguir aumentar este amor, este ágape conjugal? Uma vez que este amor é de origem divina, como vimos anteriormente, devem começar por lhe dar fundamentos nas suas origens divinas, através da meditação da Palavra de Deus, através da receção da Eucaristia, através da oração. Na medida em que este amor é vosso, que vos é dado e que o vivem, têm de o exercitar. Caso contrário, como qualquer faculdade não utilizada, definhará muito rapidamente. Mas o que é cultivar o ágape conjugal? É sobre isso que iremos refletir juntos.

Acima de tudo, não se ponham a pensar que exercer o ágape é ignorar os elementos humanos do amor. Olhem para Cristo – já que devemos amar tal como Ele. Quantas vezes o Evangelho O mostra afetuoso com os seus apóstolos e com as crianças da Palestina, cheio de compaixão perante as angústias humanas e as suas lágrimas diante do túmulo de Lázaro arrancam dos judeus esta exclamação: «Como o amava!» Portanto, amar com ágape não é renunciar aos modos humanos de amar, mas sim deixar passar, através de todas as palavras e de todas as manifestações do amor humano, a força desse amor que só se realiza no coração de Deus.

Vejamos, pois, no que se converte o amor conjugal sob o impulso do ágape, e para nos cingirmos ao assunto, partamos das leis fundamentais do amor conjugal que são estas: conhecer e dar-se a conhecer, cuidar e deixar-se cuidar, dar e receber.

Conhecer e dar-se a conhecer

Amor e conhecimento estão ligados: para amar é preciso começar por conhecer, esta é uma observação muito banal. Mas já observaram que o vosso amor, para continuar vivo, exige um conhecimento sempre renovado do vosso cônjuge? Pela minha parte, constatei muitas vezes que a negligência e a distração do olhar precedem e conduzem ao declínio do amor, e que, pelo contrário, uma atenção fiel gera fidelidade de coração.

Continuemos a análise. O amor conjugal é uma realidade complexa: um feixe de impulsos mais ou menos ligados, hierarquizados. Todos devem ser mantidos vivos, caso contrário o declínio de um levará ao declínio dos outros. E a lei do conhecimento aplica-se a cada um deles. É perigoso para um jovem noivo já não ver as qualidades morais da sua esposa, mas não é menos perigoso deixar de se maravilhar com o encanto do seu rosto ou estar desatento à sua ternura: pouco a pouco desaparecerão esses impulsos variados que nele eram despertados pela visão das qualidades morais, da beleza física, dos gestos de ternura da sua mulher.

O mais grave seria perder de vista o eu profundo do outro. De facto, o fundamento do verdadeiro amor conjugal é a descoberta de um ser naquilo que tem de original, de único. Recordem-se... O que despertou em vós, que vos chamou, que vos conquistou, que atraiu o vosso eu íntimo, senão a visão, neste ser que cruzou o vosso caminho, do seu “rosto interior”? Sem dúvida já tinham sido alertados pelas suas qualidades físicas, mas não teriam sido suficientes para despertar uma certa qualidade de amor se não tivessem descoberto nele ou nela uma beleza mais misteriosa. Mas, com que facilidade o nosso olhar perde esse dom milagroso

da “dupla visão”! Acima de tudo, não renunciem a ele, sigam em frente e relancem-se constantemente à descoberta do outro.

Se marido e mulher se olharem com um olhar novo todos os dias, o seu amor não pode deixar de se tornar cada vez mais jovem e vivo. Se sabem que são gerados pelo Senhor, é então que o seu olhar tentará entrever no outro uma beleza totalmente diferente, o seu rosto de filho de Deus. Não chamem a isto misticismo: o cristão, cujo olhar de fé é refinado, aprende a ver as pessoas com essa transparência. É um pouco como se Cristo lhe comunicasse o seu próprio olhar, esse olhar que São Marcos evoca no episódio do jovem rico: *«Jesus fixou nele o olhar e ele O amou»*. Estou convencido de que há entre vós alguns que estariam dispostos a testemunhar que o vosso amor foi transformado a partir do dia em que olharam assim para o vosso cônjuge.

Mas é bastante óbvio que só conseguem conhecer-se profundamente os cônjuges que se esforçam por se dar a conhecer, os que cultivam a virtude da transparência. Partilhar o universo dos pensamentos e sentimentos, da personalidade íntima, não é isento de dificuldades. Muitas tendências conspiram contra esta abertura: pudor, timidez, avareza de coração. O mais grave, acima de tudo, é a tentação insidiosa de baixar a cortina de ferro em retaliação por uma indelicadeza ou por uma ofensa, verdadeira ou imaginária.

Temos de rejeitar a todo o custo estas tendências e estas tentações. Como poderá o outro correr ao nosso encontro se não o deixamos ver as qualidades que o poderiam seduzir, as tristezas que despertariam a sua compaixão afetuosa? Um amigo, que não me perdoa o facto de ter nascido em Lyon, deu-me um dia uma pretensa definição dos Lioneses: *“Contentamo-nos em supor que está cheio de perfume, mas renunciemos a destapá-lo!”*. Se

queremos ser apreciados e amados, temos de saber... destapar o frasco.

Mas o ágape exige mais: que permitam que o vosso cônjuge entre na vossa intimidade com Deus, seguindo o exemplo de Cristo que permitiu que os seus apóstolos fossem testemunhas do seu frente-a-frente com o Pai quando, antes de sair do Cenáculo para ir para o Jardim das Oliveiras, rezou diante deles a sua grande oração sacerdotal. Rezar em voz alta, marido e mulher, lado a lado, falar regularmente da vossa vida interior, partilhar as vossas descobertas no campo da fé não é esta uma condição essencial para nos conhecermos um pouco como Deus vos conhece? (...)

Cuidar e deixar-se cuidar

Esta segunda lei sucede à primeira. Essa pessoa na qual entreviram as qualidades, o valor único e também o que é em potencial, todas as suas possibilidades de bem e de felicidade, como não sentiriam o desejo veemente de promover o seu pleno aperfeiçoamento?

Ao contrário do que comumente se pensa, estou convencido de que, para uma pessoa de bom coração, o primeiro passo do amor para com um outro - se este amor se baseia na descoberta do eu profundo desse outro - é de pura doação, de entrega de si mesmo, de vontade ardente e desinteressada da plena realização desse outro. Já o experimentaram, tenho certeza. É verdade que um segundo passo, este interesseiro, surge quase imediatamente, porque pensam que o amor deste ser vos reserva alegria e benefício para vós mesmos. Toda a questão é, então, saber se colocarão o bem do outro antes do vosso ou o vosso bem antes do

dele – e, neste último caso, o verdadeiro amor terá durado apenas “o tempo de uma manhã”.

A procura do bem do outro é a alma de todo o amor verdadeiro. Exige que subjuguem o velho instinto da reivindicação e da monopolização e que traduzam diariamente essa procura nas vossas ações. Às vezes, querer o bem do ente querido exige que lhe neguemos uma satisfação imediata que mais tarde poderia prejudicar a sua felicidade. Nem sempre é fácil. Há momentos em que amar é aceitar fazer sofrer.

Mas, para os filhos de Deus, não se trata apenas de promover o bem e a felicidade humanos do outro, cada um sabe e quer ser responsável pelo desenvolvimento da graça do Senhor naquele que ama. A maior ambição que carregamos dentro de nós deve ser a adesão do outro a uma intimidade cada vez mais estreita com Cristo. Ah! não é impossível que uma vez ou outra sintamos uma pequena pontada no coração ao ver crescer no outro a influência de Cristo, mas também sabemos bem que o Senhor não sequestra os corações que se entregam a Ele.

Assumir o cuidar um do outro, aceitar tornarem-se responsáveis pelo desenvolvimento do outro implica em troca que cada um reconheça que precisa do outro. É verdade que é fácil recorrer a este outro para serviços banais e para satisfações superficiais, mas aceitar precisar dele em profundidade, confiando-lhe pobreza, fraquezas, ignorâncias para que possa vir em vosso auxílio é muito mais difícil. Tal não impede que seja uma exigência imprescritível do amor. E, além disso, não repararam que muitas vezes a melhor maneira de promover o progresso moral de uma pessoa é precisar dela, estimular o seu amor e a sua generosidade ao pedir-lhe o que necessitamos?

O cristão, por outro lado, contará com o seu cônjuge no esforço para se despojar dos comportamentos e sentimentos do “homem velho” e adquirir os sentimentos e comportamentos de um verdadeiro filho de Deus. Não se trata, certamente, de esperar que o cônjuge seja o vosso diretor de consciência, no sentido estrito do termo; mas se não tem os poderes do sacerdote, tem outros e são precisamente os que permitem ajudar o seu companheiro de caminho a crescer na caridade. Há, sem dúvida, alguns entre vós cuja alegria foi grande ao ver que o hábito de recorrer humildemente à ajuda espiritual do outro, de lhe pedir ajuda, apoio, acompanhamento foi finalmente a melhor maneira de o ajudar a ele próprio no seu progresso espiritual. Porque sentia que, para não desiludir a confiança nele depositada, lhe era necessário estar cada vez mais unido a Deus. Porque é que são tão poucas as famílias que atingem o cume do ágape conjugal que é a entreaajuda espiritual? Duvidariam de que a exigência do mandamento novo fosse tão longe?

RESUMINDO

O Padre Henri Caffarel interroga-se sobre como nos vamos amar uns aos outros com o amor que Cristo tem por nós, porque somos chamados a esse amor tão exigente e, sendo impossível amar todos os nossos irmãos como Cristo, devemos esforçar-nos no nosso ambiente mais imediato, começando pelo nosso cônjuge. Para isso, sugere que partamos de três aspectos fundamentais do amor conjugal: conhecer o outro e dar-se a conhecer (Cap. 6), cuidar e deixar-se cuidar (Cap. 6), dar e acolher (Cap. 7).

Dar-se a conhecer: Não se trataria apenas de um conhecimento superficial, embora este seja importante (beleza, atractividade, admiração...), mas de estar atentos ao eu profundo, porque o fundamento do verdadeiro amor conjugal é a descoberta da pessoa naquilo que tem de original e único. Para isso, é essencial despertar constantemente a nossa sensibilidade para o que descrevemos no Cap. 1: Despertar o olhar de amor.

Para isso, devemos dar ao outro a oportunidade de nos conhecer na nossa intimidade com Deus, como Jesus deixava ver como se unia ao Pai na oração. A oração conjugal é a nossa ferramenta para aprofundar este conhecimento mais profundo.

Cuidar um do outro: Já todos experimentámos em algum momento do nosso relacionamento o desejo de ajudar o outro, de o levar ao máximo do seu potencial. A procura do bem do outro é a alma de todo o verdadeiro amor. E isso é difícil porque às vezes pode fazer sofrer a pessoa amada. E temos de o aceitar. O Padre Henri Caffarel vai para além do cuidado do outro no dia a dia e procura o cuidado e o progresso espiritualmente. E para isso, sugere que reconheçamos e mostremos ao nosso cônjuge que necessitamos profundamente dele. Esta pode ser uma ferramenta poderosa que irá estimular o seu amor e a sua generosidade.

O DEVER DE SE SENTAR (Pistas)

Não sabemos apreciar aquele ou aquela que temos muito perto de nós. Não temos perspectiva suficiente. Não nos damos conta de que, embora partilhemos a vida real, também podemos manter em segredo sonhos paralelos. Nunca podemos estar totalmente seguros do coração do outro. Esse coração que não podemos possuir nem conhecer na totalidade, a menos que o outro esteja disposto a desvendá-lo.

Vemo-nos neste ponto de viragem na vida em que ainda somos jovens, mas não tanto assim, e começamos a pensar no tempo que nos resta. É então que nos podemos questionar com esses “se” insidiosos: “*e se eu tivesse casado com aquele primeiro amor que não está totalmente esquecido*”, “*e se voltar a ver aquela pessoa que parece compreender-me tão bem*”, ou “*e se a fé fosse apenas uma miragem que me tranquiliza...*”. Todos estes “se” colocam-nos perante encruzilhadas que nos fazem duvidar. E é preciso escolher de novo. Podemos até duvidar do vínculo assumido no nosso matrimónio, justificando-nos com a ideia de que éramos muito jovens. Pelo contrário, deveríamos antes reviver a memória daquela certeza que a generosidade da juventude tornava tão indiscutível e permanecer-lhe fiéis para além dos limites, para além das mudanças da vida.

Proposta de perguntas para o dever de se sentar

1- O ágape conjugal, o amor e o ágape.

Trata-se de amar com o mesmo amor de Cristo, de amar com esse impulso de amor desinteressado, totalmente orientado para a felicidade do nosso cônjuge.

“Amai-vos um ao outro como eu vos amei!” O que vão fazer, marido e mulher, para responder a esta exigência de Cristo, para conseguir e aumentar este amor, este ágape conjugal?

2- Conhecer e dar-se a conhecer.

Olhamo-nos todos os dias com novos olhos? Maravilhamo-nos todos os dias com o encanto do rosto, as qualidades morais, mas sobretudo o eu profundo do nosso cônjuge?

Será que cada um de nós está suficientemente aberto para revelar os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, o nosso eu íntimo? Podemos dar exemplos concretos do que foi partilhado e também do que foi guardado e que poderia ter sido dito (por vezes temos de escolher o momento para dizer certas coisas...)? Como remediar esta situação?

3- *“Mas o ágape exige mais: que permitam que o vosso cônjuge entre na vossa intimidade com Deus...”*

Como partilhamos a nossa intimidade com Deus? Como vivemos a ajuda mútua espiritual? Quais são os gestos, as ações concretas que pomos em prática para ajudar o outro a progredir na sua fé? Já pensámos em recorrer a um diretor espiritual pessoal – cada um ao seu? O que nos impede de o fazer? Se já têm acesso, quais são os seus benefícios na qualidade do vosso amor conjugal? Demos graças.

4- Cuidar e deixar-se cuidar.

Trata-se de assumir o cuidado do pleno desenvolvimento do nosso cônjuge. *“Cuidar mutuamente um do outro, responsabilizarem-se pelo desenvolvimento um do outro implica por sua vez que cada um aceite reconhecer que precisa do outro”*.

O que gostaríamos de partilhar sobre esta afirmação do Padre Henri Caffarel? Confiamos suficientemente no nosso cônjuge? Que mais poderíamos partilhar para amar com um amor ainda mais conforme àquele com que Deus nos ama?

5- Deus deu-nos um presente magnífico quando nos deu o nosso cônjuge para amar. Amar como Cristo nos pede é querer a felicidade do outro. É beber esse amor do próprio coração de Deus.

Partilhemos sobre o que cada um pensa dessa exigência de amor e como a vive?

“Toda a questão é, então, saber se colocarão o bem do outro antes do vosso ou o vosso bem antes do dele”.

Quais são os momentos em que não o conseguimos? Conhecemos a causa? Como poderíamos remediar esta situação? Sabemos, no entanto, reservar tempo para nós próprios, para cultivar o nosso jardim secreto?

Querer a felicidade do outro exige às vezes dizer certas coisas um ao outro e pode levar a desentendimentos que depois permitam amar melhor? Como o conseguimos?

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (Rm 12, 9-21)

“Que o vosso amor não seja hipócrita. Detestai o mal e aderi ao bem. Com amizade fraterna, sede afetuosos uns com os outros. Rivalizai uns com os outros na estima recíproca. Não sejais indolentes na vossa solicitude; deixai-vos vivificar pelo Espírito, servi o Senhor. Sede alegres na esperança, resistentes na

tribulação, perseverantes na oração. Partilhai com os santos que passam necessidades, praticai a hospitalidade. Bendizei os que vos perseguem; bendizei e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Tende os mesmos sentimentos uns para com os outros. Não penseis em grandezas, mas deixai-vos orientar por aquilo que é humilde. Não vos tenhais a vós mesmos na conta de sábios. A ninguém pagueis o mal com o mal; pensai sempre em praticar o bem, diante de todos os homens. Se for possível e naquilo que de vós depender, vivei em paz com todos os homens. Amados meus, não façais justiça por vossa conta, mas cedei o lugar à ira divina, pois está escrito: É a mim que compete fazer justiça, Eu é que hei de retribuir, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber. Ao fazer isto amontoarás carvões em brasa sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.”

Questões para partilhar na reunião

1. O que descobrimos ao ler estes textos do Padre Henri Caffarel? O que queremos partilhar sobre o nosso dever de se sentar?
2. Em que medida a equipa nos estimula a amar com um amor cada vez mais entregue ao nosso cônjuge e a Deus?
3. Partilhamos facilmente com o nosso cônjuge sobre a nossa relação com Deus, a nossa vida espiritual? Como o fazemos? Em que medida esta entreajudada espiritual melhora a qualidade do nosso amor conjugal?

4. Para viver este nível de ágape, precisamos da ajuda de nosso Senhor. Devemos ousar pedir-lhe ajuda. Será que a oração é um ponto concreto de esforço que tem sido gradualmente posto em prática na nossa vida diária? Ainda é difícil? Como nos ajudamos um ao outro? Como é que a equipa nos ajuda? Façamos as mesmas perguntas em relação à oração conjugal, que pode ser o lugar onde confiamos o nosso amor ao Senhor, as nossas alegrias e as nossas dificuldades em amar como Ele nos ama.

Capítulo 7: A comunhão conjugal

Dar e acolher

Desejam apaixonadamente que essa pessoa que amam se realize, que consiga toda a perfeição possível, que viva uma vida cada vez mais intensa. Mas enquanto se limitarem a dar-lhe a vossa devoção, a partilhar com ela apenas os vossos bens materiais e morais, ele continuará privada do que lhe é mais necessário, isto é, do dom de vós mesmos. Também vos poderia dizer: *“Não são os teus bens, não são os teus serviços, é a ti que eu quero e não apenas qualquer coisa de ti”*. Amar é muito mais do que dar, é dar-se, despojar-se em benefício do outro, renunciar a dispor de si mesmo, consentir com alegria na dependência. Quem diz amor diz êxodo e êxtase. Êxodo: deixar pai e mãe, a casa e os bens e, finalmente, deixar-se a si mesmo para se juntar a esta ilha distante que é o outro. Êxtase: perder-se de vista, sair para fora de si mesmo, estar presente ao outro, doado. “Amar”, dizia um jovem escuteiro, “é acampar no coração do outro”.

Quer isto dizer que os humildes gestos de amor, as simples atenções são supérfluas e fúteis? Isso seria desconhecer a nossa condição carnal e as leis da comunicação entre os seres humanos. O ramo de violetas num dia de aniversário tem grande valor porque, para quem o recebe, é um sinal visível do dom profundo de si de quem o oferece. É toda a vida conjugal que deveria, tal como o ramo de violetas, estar carregada de significado. A coabitação, as relações sexuais, os gestos de

ternura, perdem todo o valor se estiverem vazios de alma, se não forem sinais de um dom mútuo e profundo.

Mas falo como se qualquer comunicação, oral ou corporal, entre cônjuges apenas tivesse o valor de um sinal. Não só têm o poder de exprimir o dom de si mesmo, mas também o poder de o renovar, de o aprofundar. No amor, como na religião, os ritos e os sinais são necessários porque são eficazes para atualizar e reativar o fervor da alma.

Ao nível do ágape, amar é também doar-se, entregar o mais profundo de si mesmo, mas é então um eu reformado, recriado, enriquecido pelo ágape, agora capaz de amar “como” Cristo ama, até ao sacrifício de si mesmo. Melhor ainda, é dar passagem dentro de si mesmo ao amor de Deus:

- *“Quero aprender com Deus a não reservar nada para mim, a ser aquele que é bom e que se entrega, que nada reserva e a quem tudo é tirado!*
- *Toma, Rodrigo, toma o meu coração, toma o meu amor, toma este Deus que me preenche!*
- *A força com que te amo não é diferente daquela pela qual tu existes.*
- *Estou unida para sempre a essa coisa que te dá a vida eterna!” (O Sapato de Cetim)²¹*

Cada cônjuge deveria poder dizer ao outro, adaptando a frase de São Paulo: *“Amo-te, mas já não sou eu que te amo, é Cristo que te ama em mim, é Ele que se entrega a ti através de mim” (Gl 2, 20).*

²¹ Paul CLAUDEL, *Le Soulier de Satin*, em *Théâtre II*, La Pléiade, Gallimard, 1965, p. 858

Tal como a bola lançada contra a parede faz ricochete e volta para o jogador, a dádiva volta para aquele que a fez se não for acolhida. A reciprocidade na dádiva exige, portanto, a reciprocidade da aceitação. Nunca sairei de mim mesmo se não houver alguém que me receba. O termo “aceitar” parece conter um cariz de passividade. Não nos deixemos iludir, o aceitar no amor é um comportamento muito ativo. É estar sempre pronto a receber uma confiança, um desabafo, um dom, um testemunho de amor – com respeito, inteligência, gratidão. É aceitar o outro não como gostaríamos que fosse, mas tal como é, com as suas insuficiências e com as suas qualidades, com o seu pecado e com a sua graça. *“Aprendi a amar-te tal como és. Já não precisas de ser outra pessoa para que eu te ame”*.

Mas compreendam-me bem: não se trata de acolher a presença do ser amado que está ao nosso lado, mas de acolher o ente querido no mais profundo do seu ser espiritual. *“Brigitte está cada vez mais no interior de mim”*, escrevia-me um amigo; com estas palavras compreendi que o seu amor estava a progredir. Por mais paradoxal que possa parecer, eu diria que o aceitar deve preceder a dádiva, no sentido de que o outro deve sempre sentir-se esperado e desejado. O aceitar é, antes de tudo, uma avidez, uma avidez de amor que não deve ser confundida com uma cobiça egoísta. Uma avidez que testemunha ao ente querido que precisamos dele para sermos felizes, que ele é capaz de nos fazer felizes; experiência que não estou longe de pensar que seja indispensável, insubstituível, para despertar no coração humano uma das suas fibras mais secretas.

Diz-se do ágape que é um dom puro, rigorosamente desinteressado. Sim, em Deus, onde o ágape tem a sua fonte, é plenitude que transborda. Por outro lado, no Filho, o amor é, antes de mais, o acolher o dom do Pai e o mesmo ocorre com os filhos

de Deus. Portanto, ver no cônjuge um «sacramento vivo» do Senhor, esperar avidamente dele o dom de Deus e acolhê-lo ansiosamente são também atitudes espirituais fundamentais que decorrem do ágape.

A supremacia do ágape

Querem censurar-me por me ter dado demasiada importância à psicologia para explicar o amor conjugal? Penso que não mereço porque estou totalmente convencido de que, se se deixa atuar o amor humano, honestamente, diariamente, perseverantemente, os cônjuges permitirão que o ágape apareça e que cresça em todo o seu ser e em toda a sua vida para a tornar uma oferenda agradável a Deus. Não nos remete isto para o ensinamento mais autêntico sobre o matrimónio cristão: a graça própria do sacramento do matrimónio utiliza, para se comunicar, todas as atividades da vida conjugal? Parecem-me muito suspeitos aqueles que, sob o pretexto do sobrenatural, começam por negligenciar as exigentes leis do amor humano. (...)

Se já é verdade que o amor humano permite a unidade da vida, será muito mais com ágape. Na medida em que é amor de Deus, regula, ordena, unifica inclinações, aspirações, vontades, virtudes dos cônjuges, todas as suas variadas atividades, familiares, profissionais, sociais, religiosas, e orienta-as para o seu fim próprio: a glória do Senhor. Na medida em que for amor mútuo, assume, integra, unifica num feixe, num único impulso, todos os componentes do amor conjugal: atração e ímpeto físico, testemunhos de ternura e todos os seus variados sentimentos de dedicação, estima, respeito, generosidade, gratidão, fidelidade.... Alista-os ao seu serviço, comunica-lhes o seu impulso, não sem

antes os curar, refinar, elevar, infundir-lhes a sua pureza, o seu fervor, a sua santidade.

Entre esses dois filhos de Deus que se exercitam na prática do mandamento novo, a vida conjugal sofre uma admirável transfiguração. E pensar que alguns casais temem pela integridade do seu amor conjugal se houver a intervenção do ágape!

Está assim esboçado o ideal para o qual tendem os cônjuges cristãos sob o impulso de ágape. Temo, mais uma vez, que alguns me acusem de ser um idealista impenitente. Mas, os lares cristãos querem ou não entender a sua união à luz dos ensinamentos de Cristo? Entrar plenamente no jogo daquele que veio para fazer “novas todas as coisas”? Bastaria apresentar aos cristãos umas noções de psicologia conjugal mais ou menos temperadas com alguma moral cristã? Pela minha parte, recuso-me a fazê-lo, nada me parece mais grave do que meias-verdades que dão boa consciência e, no final, dispensam qualquer esforço espiritual. Se há alguns que se sentem desencorajados pela consideração do ideal, não será porque se recusam a ser condenados por ele? Como me condena a mim, enquanto sacerdote, a santidade do Cura d'Ars. Mas se alguém encarar esse juízo e o assimilar à verdade, o ideal torna-se então uma força de atração.

A “comunhão” conjugal

O amor conjugal, como vimos, aspira à reciprocidade, mas esta reciprocidade no conhecimento, no cuidar, no dar, não é o fim último para que tende o dinamismo do amor. Para além das permutas, do pôr em comum, do ir e vir do dom, há a comunhão.

Recordem-se do nosso esquema: relação, amor, comunhão. A todos os níveis, o amor conjugal reclama a comunhão: tanto no plano carnal como no sentimental, tanto no plano intelectual como no moral. Muitos interpretam mal a natureza desta comunhão. Veem nela uma passividade, uma saciedade do desejo: o amor que se sossega depois da posse recíproca, a adesão a um ideal partilhado. É algo totalmente diferente: é uma atividade comum, uma vida ardente.

Comunhão dos Santos

Também o ágape conjugal tende à sua própria comunhão, muito mais íntima, mais forte e mais rica do que todas as outras. O ágape une os esposos ao nível do seu eu cristão, tornando-os «um só coração e uma só alma», como se dizia dos primeiros discípulos (At 4, 32). Muito longe de ser passividade, esta comunhão através do ágape é uma atividade intensa, comum, uma sinergia, a participação de dois no mesmo ato vital de conhecer e amar a Deus, sob o impulso do Espírito Santo que habita nos cônjuges. A promessa de São João é verdadeira para eles:

«Quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele... e é nisto que sabemos que permanecemos n'Ele e Ele em nós, porque Ele nos concedeu o seu Espírito» (1 Jo 4, 15.13). “É o próprio Espírito que, juntamente com o nosso espírito, dá testemunho de que somos filhos de Deus e no qual clamamos: «Abbá, ó Pai»” (Rm 8, 15-16).

Uma comunhão assim não aparece de repente, como que por milagre. Constrói-se pouco a pouco sob a ação multiforme do ágape conjugal, do qual será a obra-prima. Se é verdade que todo

progresso no amor conjugal fortalece a comunhão, também deve ser diretamente procurado. E há muitas maneiras de trabalhar para isso: é procurarem, marido e mulher juntos, o conhecimento de Deus através da leitura e meditação da sua Palavra, através do pôr em comum de pensamentos e sentimentos religiosos, é entregarem-se juntos às obras do Senhor: a educação dos filhos, o acolhimento dos outros, o serviço da Igreja; é também e antes de tudo adorar e louvar a Deus, dar-Lhe graças e amá-Lo juntos.

Então, por vezes, os esposos, depois de durante muito tempo terem sido «assíduos à comunhão fraterna» (At 2, 42), podem ter uma experiência maravilhosa: tomar consciência de que o mesmo Espírito Santo desperta em ambos a mesma luz, o mesmo amor, a mesma oração, a mesma alegria. O versículo de São João torna-se subitamente uma revelação para eles: «Sabemos, experimentamos, que passámos da morte à vida, porque nos amamos um ao outro». Porque se amam um ao outro, a Vida surgiu entre eles e em cada um deles.

S. Tomás, para falar desta comunhão que o ágape realiza, utiliza expressões admiráveis: «É um pôr em comum dos bens da vida eterna», «uma participação comum na felicidade de Deus».

Para definir esta comunhão realizada pelo ágape — quer seja entre dois ou três cristãos ou entre todos — os autores sagrados, como vimos, recorrem ao termo *koinonia* (do grego κοινωνία), que não é nada mais do que a «comunhão dos santos», na qual professam crer ao recitar o credo e que tantos cristãos assimilam a não sei que «fundo de compensação» de méritos, quando afinal é esta prodigiosa realidade da união dos corações e das almas, sob a influência de um ágape vivo, essa grande comunidade espiritual que formam juntos todos os filhos de Deus.

Mas esta comunhão não é apenas espiritual e invisível, situa-se também no espaço e no tempo, é «encarnada» e, neste aspeto, usa-se outra palavra grega para a designar, *ecclesia*, igreja. Designa a mesma realidade que o termo *koinonia*, mas enquanto este enfatiza o aspeto interno e invisível, o outro enfatiza mais o aspeto externo e institucional. Ambos os termos merecem ser lembrados quando falamos do lar fundado pelo sacramento do matrimónio e sobre ele. É, como acabei de mostrar, uma comunidade espiritual animada pelo ágape; é uma *koinonia*, uma pequena comunhão de santos; mas é também uma *ecclesia*, uma *ecclesia* doméstica, uma pequena igreja, uma célula visível da Igreja onde a *koinonia* toma forma, onde o mistério da grande Igreja é atualizado e vivido, e isso tão mais perfeitamente quanto o ágape aí for mais vivo. Estas duas noções de *koinonia* e *ecclesia* são como duas janelas abertas para a profundidade do mistério do matrimónio cristão.

RESUMINDO

Neste capítulo, o Padre Henri Caffarel prossegue o desenvolvimento do seu discurso sobre os três aspectos fundamentais do amor conjugal. Depois de, no Cap. 6, ter falado sobre conhecer-se a si mesmo e cuidar do outro, aborda aqui o tema do dar e acolher. É provavelmente neste capítulo que mais se manifesta o carácter exigente do Padre Henri Caffarel, porque este conceito de comunhão conjugal se baseia no ideal de amor que Cristo tem por cada um de nós como objectivo último do nosso amor conjugal. Nem mais, nem menos.

Porque amar é muito mais do que entregar-se ao outro. Amar (a este nível) é libertar o meu eu mais profundo,

aperfeiçoado pelo amor espiritual (o ágape), para conseguir amar como Cristo nos ama, até ao sacrifício pessoal. Isto implica deixar espaço dentro de nós mesmos para o amor de Deus. Este objectivo ambicioso pode ser lido na Carta aos Gálatas: «*Amo-te, mas já não sou eu que te amo, é Cristo que te ama em mim, é Ele que se entrega a ti através de mim*». (Gl 2,20)

E tudo começa com o darmos-nos um ao outro e acolhermo-nos mutuamente. Acolher é aceitar o outro não como gostaríamos que fosse, mas sim como ele é, com os seus defeitos e as suas qualidades. E o dom que fazemos ao outro deve ser um dom sem reservas e sem contrapartida. No ágape encontramos esta característica do amor transbordante e infinito de Deus. E este deveria ser o nosso ideal de amor. Sem dúvida, é exigente e difícil, mas é um ideal bonito e atraente e por isso também deveria ser uma fonte de motivação para o matrimónio.

O DEVER DE SE SENTAR (Pistas)

Finalmente, foi-nos possível reconhecer que este desejo do absoluto, que habitava o amor de um pelo outro e que nunca foi plenamente satisfeito, era um apelo para que procurássemos Deus os dois juntos. Descobrimos também que esta comunhão íntima e profunda não afasta o casal dos outros, mas que os abre ao mundo, que este dom de comunhão não é apenas uma aliança dos dois com Cristo, mas que os impele para todos aqueles que os rodeiam e esperam deles um sinal visível, o sacramento de um outro Amor, que, sem eles, não seriam capazes de reconhecer.

Proposta de perguntas para o dever de se sentar

1. Dar e acolher.

Isto, sem dúvida, requer tempo durante o qual o Senhor trabalhará em nós. Como pomos isto em prática diariamente na nossa vida conjugal? Quais são os componentes do nosso dar e do nosso acolher o outro, da nossa avidez de amor? Que obstáculos encontramos? Ao mesmo tempo que nos damos ao nosso cônjuge ou o acolhemos, damos a Deus o nosso cônjuge? E acolhemos o Senhor por intermédio do nosso cônjuge? Como?

2. Os gestos de amor são um sinal visível do nosso amor pelo nosso cônjuge. Quais são os nossos gestos de amor, esses rituais que criámos entre nós, que estabelecemos e que têm o poder de expressar o dom de nós mesmos? Será que os esquecemos? Como renová-los? Como é que esses gestos e esses rituais nos aproximam de Deus e aproximam o nosso cônjuge de Deus?

3. Supremacia do ágape.

Segundo o Padre Henri Caffarel, o ágape *“regula, ordena, unifica inclinações, aspirações, vontades, virtudes dos cônjuges, todas as suas variadas atividades, familiares, profissionais, sociais, religiosas e as orienta para o seu fim próprio: a glória do Senhor”*. O ágape comunica também ao amor humano o seu impulso, o seu fervor, a sua sede de santidade, ao mesmo tempo que o cura. Em que circunstâncias chegámos a esta conclusão? Como perseverar na realização de um amor cada vez mais ágape, isto é, cada vez mais conforme com o amor de Deus?

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (1Jo 3, 18-24)

“Meus filhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e com verdade: é nisto que saberemos que somos da verdade e, diante dele, tranquilizaremos o nosso coração; porque, se o nosso coração nos acusar, Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas. Amados meus, se o nosso coração não nos acusar, continuamos a ter confiança em Deus de que aquilo que lhe pedirmos, dele receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que lhe agrada. E é este o seu mandamento: que acreditemos no nome do seu Filho Jesus Cristo e que nos amemos uns aos outros, de acordo com o mandamento que Ele nos deu. Quem guarda os seus mandamentos permanece em Deus e Deus permanece nele. É nisto que nós sabemos que Ele permanece em nós, pelo Espírito que nos concedeu.”

Questões para partilhar na reunião

1. Partilhamos a nossa compreensão do amor ágape e a forma como o vivemos, ou nos esforçamos gradualmente por viver, dia a dia, esse amor ágape?
2. A comunhão conjugal e a comunhão dos santos.
Em que circunstâncias experimentámos ser “*um só coração e uma só alma*”? O que nos pode ajudar, pessoalmente e como casal, a aumentar o nosso conhecimento de Deus e o nosso amor a Deus? Estamos conscientes de que participar juntos nas obras do Senhor²² aumenta o nosso amor mútuo e o nosso amor a Deus? Demos alguns exemplos. Estas atitudes

²² Obras do Senhor: a educação dos filhos, o acolhimento dos outros, o serviço da Igreja

fizeram-nos «*tomar consciência de que o mesmo Espírito Santo desperta em nós a mesma luz, o mesmo amor, a mesma oração, a mesma alegria*»? Como vivemos a comunhão conjugal nos diferentes aspetos da nossa vida?

3. O que nos inspira esta perspectiva do matrimónio cristão proposta pelo Padre Henri Caffarel, isto é, ao mesmo tempo, comunhão dos santos, comunidade espiritual animada pelo ágape e Igreja doméstica, esse lugar onde se atualiza e se vive o mistério da grande Igreja?

Capítulo 8: O testemunho da vida de casal

Penso que estão de acordo comigo em reconhecer que este desafio do ateísmo que os cristãos enfrentam exige urgentemente uma resposta: o nosso testemunho. Por pouco que conheçamos e amemos a Deus, como não considerar intolerável que seja assim desfigurado e desprezado o seu verdadeiro rosto? Por pouco que amemos os irmãos, como podemos suportar que, ignorando o verdadeiro Deus, eles sejam mergulhados na angústia, na ansiedade e no absurdo? E por pouco que tenhamos um sentimento de solidariedade humana, como não nos sentirmos corresponsáveis pela traição de Deus praticada pelos cristãos?

No nosso tempo compete a toda a Igreja revelar o verdadeiro rosto de Deus, mas gostaria de vos mostrar esta noite que, num sentido muito especial, é uma tarefa dos casais. Adivinho a vossa reação, “a missão é grande, demasiado grande, não temos tempo nem competência”. E se eu vos respondesse: sois particularmente aptos para cumprir esta missão precisamente porque sois casais? Tendes um carisma próprio. Além disso, para ser essas testemunhas que o mundo espera, não há necessidade de deixarem as vossas tarefas familiares e profissionais, não precisam de partir para uma cruzada longínqua. Deixem-me explicar: é do vosso amor conjugal, do vosso lar, que o mundo ateu, sem o suspeitar, espera um testemunho essencial. Em primeiro lugar, vou falar do testemunho que devem dar com a

vossa vida de casal e, em segundo lugar, do testemunho da Palavra.

O testemunho da vida de casal

Permitam-me que exprima o pensamento de Deus sobre o casal à maneira de Péguy, um escritor francês talvez demasiado esquecido hoje em dia.

«Deus disse: Casal cristão, és o meu orgulho e a minha esperança. Quando criei o céu e a terra e no firmamento os grandes luzeiros, vi nas minhas criaturas vestígios das minhas perfeições e pensei que era bom. Quando cobri a terra com o seu grande manto de campos e de florestas, vi que era bom. Quando criei os inúmeros animais de acordo com as suas espécies, contemplei nesses seres vivos e abundantes um reflexo da minha vida transbordante e achei que era bom! De toda a minha criação subia então um grande hino solene e alegre, celebrando a minha glória e as minhas perfeições. E, no entanto, em nenhum lugar via a imagem daquela que é a minha vida mais secreta e mais fervorosa. Então, despertou em mim a necessidade de revelar o melhor de mim mesmo e esta foi a minha mais bela invenção. Foi assim que te criei, casal humano, “à minha imagem e semelhança”. E desta vez vi que era muito bom. No meio deste universo em que cada criatura exalta a minha glória, celebra as minhas perfeições, tinha finalmente surgido o amor para revelar o meu Amor. Casal humano, minha criatura muito amada, minha testemunha privilegiada, compreendes por que és a mais querida entre todas as criaturas? Compreendes a imensa esperança que deposito em ti? És portador da minha reputação, da minha glória, és para o universo a grande razão de ter esperança, porque és amor.»

Analisemos mais de perto a vossa missão de testemunhas de Deus. A primeira maneira de o levar a cabo é viver o vosso amor

cada vez mais perfeitamente, levando-o a desenvolver todas as suas potencialidades, a manifestar-se fiel, feliz, fecundo. É verdade que está acima das vossas possibilidades. O homem e a mulher rapidamente se apercebem que o problema está nas tarefas do lar. É necessário recorrer à graça de Cristo, salvador do lar. E, ao fazê-lo, a vossa união torna-se testemunho não só de Deus Criador, mas também de Deus Salvador. O vosso lar dará testemunho de Deus ainda mais explicitamente se for a união de dois “buscadores de Deus”, de acordo com a maravilhosa expressão dos Salmos. Dois buscadores, cujas mentes e corações estão ansiosos por conhecer, por encontrar Deus, por se unir a Ele, porque compreenderam que Deus é a grande realidade, porque Deus lhes interessa mais do que qualquer outra coisa. Num lar assim, tudo é vivido e concebido em função de Deus. (...)

Um lar assim é um lugar de adoração. Os cônjuges serão esses “adoradores em espírito e verdade” “pois são esses os adoradores que o Pai procura” (Jo 4,23). Os filhos também serão educados para serem adoradores. Este impulso de adoração partilhado orientará os corações e todas as tarefas ao longo do dia. O lar cristão é essa “pequena Igreja” de que falava São João Crisóstomo, essa “célula da Igreja” a que Paulo VI²³ se referia... Mesmo que todos os outros locais de culto fossem fechados, abandonados, destruídos, como acontece em algumas regiões do mundo, a família cristã continuaria a ser a morada de Deus entre os homens.

E porque Deus aí mora, é um lugar onde Deus atua e continua a operar as suas “*mirabilia*”, essas grandes coisas de que nos fala a Bíblia. A existência de um lar cristão é uma “história santa” porque é uma história conduzida por Deus. E aqueles que vêm pedir hospitalidade, quer tenham ou não consciência disso, encontram

²³ Paulo VI, Discurso às Equipas de Nossa Senhora 1970

Aquele que os acolhe. “Onde haja amor e caridade, Deus está presente”.

É através de múltiplos sinais que os visitantes descobrem este Deus em ação no lar. A preocupação com a pobreza, com a caridade, uma forma habitual de enfatizar o lado bom das pessoas e das coisas, um juízo espontaneamente evangélico sobre os acontecimentos, uma independência em relação ao mundo, às modas intelectuais ou outras.

Não há risco de que esse lar seja um gueto onde alguém se tranca longe das desgraças do mundo. É, pelo contrário, um lugar onde recuperaram as suas forças no amor recíproco, na oração e no repouso para voltar a partir com um novo alento em direção às grandes tarefas humanas como servidores do “Deus amigo dos homens”. Não é, portanto, de admirar que, no meio dos homens, os esposos cristãos sejam testemunhas do Deus vivo. Tenho, como prova disso, esta reflexão de uma cientista atea a uma amiga católica: “Para ti Deus está vivo como o estão o teu marido ou os teus filhos; os meus argumentos contra Deus são ridículos diante de ti... é como se eu tentasse demonstrar-te que o teu marido não existe.”

Dir-me-ão que este retrato do lar cristão pressupõe que o problema esteja resolvido porque nem todos somos santos. Não: não falei da santidade, mas da busca de Deus, de honrar a Deus, do recurso a Cristo Salvador para superar diariamente as tentações e os obstáculos na vida conjugal e familiar. A penitência, ou seja, o humilde reconhecimento do próprio pecado, da infidelidade a Deus demasiado frequente, dá também testemunho de Deus, revela a sua santidade. Recordo-me, de facto, esta reflexão de um diplomata de um país latino-americano, depois de uma estadia em casa de uma família de Equipistas. Ele

reconhecia que marido e mulher não eram perfeitos. Mas que eram precisamente este tipo de lar penitente à procura de Deus. “Agora sei que, se o meu país, à imagem desta pequena comunidade familiar, reconhecesse as suas faltas e pedisse perdão por elas, conheceria a paz que reina no lar onde passei estes dias.”

Gostaria de vos ter comunicado a minha convicção de que, nosso mundo, um lar de buscadores de Deus que já não crê em Deus, que já não crê no amor, é uma teofania, uma manifestação de Deus como foi para Moisés aquela sarça no deserto que ardia e não se consumia. Se a vossa vida doméstica, se o vosso amor, derem testemunho do Deus que é Amor, então, mas só então, devem e podem dar testemunho da Palavra porque ela será sustentada pela sua vida.

O testemunho da Palavra

Oiço muitas vezes as pessoas dizerem: “Falar de Deus, não será trai-lo?” As palavras, as imagens, os conceitos são sempre inadequados. É verdade! E os muçulmanos têm razão quando ensinam que o centésimo nome de Deus, o seu verdadeiro nome, sendo os outros 99 apenas aproximações, é incognoscível e indizível. O bispo anglicano John Robinson escrevia na mesma linha não há muito tempo: *“Quando falamos de Deus, todas as nossas palavras parecem vazias”*. Santo Agostinho pensava o mesmo, mas imediatamente corrigia. *“O que pode dizer aquele que fala de Ti? E, no entanto, são desgraçados aqueles que se calam a Teu respeito”*. Doze séculos depois, Bossuet, com o seu vigoroso senso comum, interpelava os que o escutavam: “Se para

falar de Deus esperam até conseguir encontrar palavras dignas d'Ele, nunca conseguirão".²⁴

Portanto, a questão que se nos coloca não é «Devemos falar de Deus?» mas sim «como falar de Deus sem O trair, sem desde logo O trair junto dos vossos filhos?». E aqui está a resposta que vos proponho e que irei desenvolver: o nosso Deus é, de acordo com a expressão bíblica, um Deus oculto, incognoscível, mas que se revelou no homem Jesus, que se deu a conhecer como sendo o amor. Sem dúvida o amor pelos homens, mas antes disso o amor na sua vida íntima, trinitária, nesse Deus Amor que está presente no coração das suas criaturas.

Vou comentar brevemente esta resposta: O nosso Deus é um Deus oculto e inescrutável: não o podemos resumir a imagens, conceitos. Mas esta convicção, longe de afastar o crente de Deus, aproxima-o dele e desperta a sua adoração. Vi isto muitas vezes com crianças pequenas. E S. Tomás de Aquino disse, a este respeito, algumas palavras extraordinárias; “No final do nosso conhecimento”, escreve ele, “conhecemos Deus como desconhecido e, para a nossa mente, esta é uma maneira muito perfeita de penetrar no conhecimento de Deus, precisamente nesse momento em que reconhecemos que a essência divina está acima do que o intelecto pode apreender aqui em baixo”. É fazer pressentir a grandeza única de Deus dizer que Ele está acima de toda a linguagem.

E, no entanto, Deus, para se dar a conhecer, assumiu o risco da linguagem. Desta linguagem infinitamente mais explícita e eloquente do que qualquer outra, a encarnação da sua palavra. O Todo-Poderoso, para se aproximar de nós sem nos ferir, para nos

²⁴ S. TOMÁS DE AQUINO, em Boet Trim Proem. Citado por Charles JOURNET, *Connaissance et Inconnaissance de Dieu*, Ed. Saint Augustin, 1996, p. 46

familiarizar com Ele, revelou-nos a sua glória, mas filtrada por um rosto e por um sorriso de homem. Ele comunicou-nos o fogo abrasador da sua santidade, mas através de um coração de homem.

Em Jesus Cristo, Deus revela o seu amor: “Deus amou tanto os homens que lhes deu o seu Filho unigénito” (Jo 3,16). A palavra amor é, sem dúvida, o conceito mais adequado para nos dar a conhecer o que Deus é em relação a nós. Mas é verdade que este termo de amor é terrivelmente usado em excesso e que acaba por se tornar ambíguo. É sempre importante ter o cuidado de definir claramente o seu sentido. Não vos compete a vós, esposos, revelar através da vossa vida, da forma o menos imperfeita possível, o que significa esta palavra de amor? Estou convencido de que, graças ao amor do homem e da mulher, a humanidade poderia ir dando passos em direção ao mistério incognoscível.

Cabe-vos também a vós, maridos e esposas, deixar entrever o mistério de Deus uno e trino através da vossa união. O nosso Deus, na verdade, não é esse celibatário “triste e impassível” do mundo de que René de Chateaubriand falava, mas um sol que aquece, uma comunidade de três pessoas que se amam. Também aqui devemos apressar-nos a ir para além das ideias, para além das palavras em direção às realidades que elas designam, e a oração silenciosa é, em última análise, a melhor maneira de aceder ao mistério trinitário.

Finalmente, enquanto não os tenhamos ensinado que o nosso Deus não é um Deus longínquo, do além, mas muito próximo, presente no coração dos seus filhos, não teremos dito aos homens o que, sem dúvida, é mais importante do que qualquer outra coisa. Porque não o sabia, Santo Agostinho tardou em converter-se e confessa:

«Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei. Tu estavas dentro de mim e eu estava fora de mim. Era do lado de fora que Te procurava, que me lançava sobre as coisas por Ti criadas. Tu estavas comigo e eu não estava contigo»²⁵.

Deus está dentro de nós, chama-nos, espera por nós, trabalha para nos divinizar: *«O meu Pai trabalha continuamente, e Eu também trabalho»* (Jo 5, 17).

RESUMINDO

Revelar hoje o verdadeiro rosto de Deus aos homens do nosso tempo é uma responsabilidade de toda a Igreja, mas pode ser sobretudo uma tarefa confiada aos esposos. Por mais desafiante que possa parecer, o Padre Henri Caffarel convida-nos a difundir o nosso carisma próprio enquanto casal que se ama. Porque não é preciso muito mais. O casal humano que se ama poderia ser considerado a obra mais perfeita de Deus. Assim, sendo simplesmente um lar de "buscadores de Deus", num mundo que já não acredita em Deus nem no amor, converter-nos-emos numa teofania, uma manifestação de Deus, tal como o foi para Moisés aquela sarça ardente no deserto que ardia sem se consumir.

Se a nossa vida e o nosso amor revelarem o verdadeiro rosto de Deus, será o momento em que poderemos usar

²⁵ SANTO AGOSTINHO, Confissões, Livro X, 27, 38

a palavra para dar testemunho de Deus, porque estará sustentada pela nossa vida de cônjuges que se amam.

E esta será a melhor maneira de não trair o Deus-Amor. Que as nossas palavras sejam coerentes com as nossas vidas.

Assim, cabe aos casais unidos pelo sacramento do matrimónio fazer transparecer o mistério de Deus Trinitário através da sua união, esse Deus que é uma comunidade de três pessoas que se amam. E devemos fazê-lo sem demora porque a nossa responsabilidade é grande. Deste modo, evitaremos o arrependimento de Santo Agostinho pela sua conversão tardia:

“Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei. Tu estavas dentro de mim e eu estava fora de mim. Era do lado de fora que Te procurava, que me lançava sobre as coisas por Ti criadas. Tu estavas comigo e eu não estava contigo.”

O DEVER DE SE SENTAR (Pistas)

Qual é então esta fonte que vem do Padre Henri Caffarel, ou melhor, que passou através dele e que dá às Equipas de Nossa Senhora o seu carácter específico e o seu carisma? É o vínculo íntimo entre espiritualidade e missão, inspiração interior e compromisso efetivo na Igreja e na sociedade: não podemos separar estes dois elementos que constituem a vocação comum do movimento.

No nível mais profundo, há esta convicção primordial: a vida espiritual não é um domínio reservado a uma elite de cristãos que

dela fariam o seu privilégio e a sua especialidade. Está aberta a todos pelo Espírito Santo, recebido no Batismo: e para todos, homens e mulheres casados, tem também a sua fonte no sacramento do matrimónio. Não devemos procurar em outro lugar métodos ou caminhos de santificação: o «sim» do compromisso conjugal é a fonte de uma vida santa, de uma vida de discípulos de Jesus Cristo, porque este «sim» entrou para sempre na Santa Aliança de Deus pelo sacramento do matrimónio, de modo que a missão do casal na Igreja e na sociedade radica na existência de homens e mulheres que vivem essa Santa Aliança. (...)

A questão que se coloca hoje ao nosso Movimento, a cada Equipa e a cada um dos membros é: como podemos transmitir a todos os casais cristãos os dons que recebemos através da nossa participação neste movimento de espiritualidade conjugal? As necessidades são agora maiores do que em qualquer outro momento da história e os ceifeiros são poucos. É fácil deixar isso a outros, mas quando pensamos em tudo o que a nossa iniciação nos trouxe pessoalmente, no florescimento da nossa espiritualidade como casal e no apoio recebido nos nossos lares convertidos em igrejas domésticas, então compreendemos que temos uma verdadeira responsabilidade.

Proposta de perguntas para o dever de se sentar

1. *“É do vosso amor conjugal, do vosso lar, que o mundo ateu, sem o suspeitar, espera um testemunho essencial.”*

De que maneira somos essas testemunhas que este mundo espera? Para quem somos testemunhas privilegiadas e como?

2. *“É viver o vosso amor cada vez mais perfeitamente, levando-o a desenvolver todas as suas potencialidades, a manifestar-se, fiel, feliz, fecundo.”*

Constatando que isto está para além das nossas próprias forças, podemos testemunhar que só Cristo Salvador nos pode trazer as graças necessárias para o desdobramento de um amor fiel, feliz e fecundo? Em que circunstâncias se nos manifestou e como podemos partilhar essa experiência tão benéfica para o nosso casal?

Em que medida, então, esta célebre frase do Padre Henri Caffarel assume para nós todo o seu sentido: «Gostaria de vos ter comunicado a minha convicção de que, nosso mundo, um lar de buscadores de Deus que já não crê em Deus, que já não crê no amor, é uma teofania, uma manifestação de Deus...»?

3. O nosso primeiro lugar de testemunho é a nossa família: os nossos filhos, os nossos pais, os nossos irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas... Para além do nosso testemunho de vida de casal, do nosso testemunho de amor, em que situações usámos palavras para testemunhar a beleza de um amor onde o Senhor está verdadeiramente presente no coração da nossa vida?
4. O que fazem para cuidar do vosso casal? Como pensam transmiti-lo a casais jovens com os quais se encontrem?

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (Jo 3, 13-17)

“Ninguém subiu ao céu, senão Aquele que desceu do céu: o Filho do Homem. E, tal como Moisés elevou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja elevado, para que todo aquele que acredita tenha nele a vida eterna. Pois Deus amou de tal modo o mundo que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que acredita nele não morra, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.”

Questões para partilhar na reunião

1. Há mais de 60 anos, o Padre Henri Caffarel já apontava a urgência do testemunho do casal cristão num mundo dominado pelo ateísmo. Hoje com muito mais razão. Estamos convencidos disso? O que fizemos nesse sentido desde que nos casámos? O que fazemos hoje?
2. Falemos sobre como o nosso amor conjugal pode dar testemunho da presença de um Deus trinitário? Como pode o nosso amor conjugal ser o reflexo do amor que circula entre as três pessoas divinas? Como podemos fazer que este amor que circula (o Espírito Santo) esteja cada vez mais presente no nosso casal, para que possamos dar ainda mais testemunho dos seus benefícios? A equipa pode ajudar-nos neste sentido?
3. Ao longo deste ano, algumas das questões para o dever de sentar ou para a reunião foram relativas ao nosso testemunho como casal cristão. Partilhemos sobre a forma e as

circunstâncias em que pudemos dar testemunho, verbalizar sobre a beleza e também sobre a necessidade de um amor conjugal que se apoia numa presença viva de Cristo em nós e no nosso casal.

Capítulo 9: Balanço

Este capítulo tem uma estrutura diferente da de outras reuniões de equipa que tivemos ao longo do ano e o seu objetivo é rever o percurso pessoal, de casal e de equipa à luz do que vivemos. Esta reunião de balanço pretende ser um momento de reflexão, todos juntos e sob o olhar de Deus, sobre o ano que passou. É uma espécie de dever de se sentar da equipa, um momento de partilha e de entreaajuda num clima de oração, de verdade e de comunhão.

O importante é prepararmo-nos para este encontro a dois; juntos, no final do ano, fazemos um balanço do que vivemos, refletimos sobre os pontos fortes e fracos sobre os quais devemos insistir no próximo ano e preparamo-nos para a eleição do novo casal responsável. Outra opção possível é que este encontro tenha lugar numa Eucaristia final vivida em equipa e que as propostas sejam adaptadas às diferentes partes.

Como suporte nuclear para este capítulo propomos a leitura de alguns parágrafos do livro *“Amor, quem és tu?”*, de 1971, do Padre Henri Caffarel, que reúnem algumas das ideias que fomos trabalhando ao longo deste tema de estudo.

«Que um homem e uma mulher aprendam a conquistar-se mutuamente. Que cada um, em cada dia, ponha a vontade de se fazer ser amado pelo outro e assim para eles tudo mudará. Cada um terá o cuidado de “preparar o coração” antes de qualquer encontro. Sobretudo, cada um precisará do outro, o que é muito importante no amor. Mas há necessidade e necessidade:

enquanto uma é apenas avidez egoísta, a outra é humildade de coração. É, naturalmente, esta última que tem grande importância no amor. Cada um discerne no outro o ser «único» que «só se vê bem com o coração» e desse ser único sente-se e quer-se responsável, porque só somos responsáveis para sempre pela pessoa por quem um dia fomos chamados ao amor.» (pág. 26)

«O amor exige que ponhamos tudo em comum, o melhor e o pior, que cada um carregue o fardo do outro, que vivamos tudo juntos. Quando nos amamos, não se trata de pegar e largar, mas de cuidar um do outro, totalmente, aceitando-nos e dando-nos um ao outro tal como somos. Sem, claro, abdicar de nos ajudarmos mutuamente a nos tornarmos naquilo que deveríamos ser.» (pág. 39)

«O amor é “cumplicidade”. [...] O eu de cada um está parcialmente ligado ao eu do outro. É muito mais do que um pacto: um vínculo que une os dois “eu”. E este vínculo traz a cada um esta segurança de que, mesmo que venha a mudar, não só fisicamente, mas também moralmente, continuará, no entanto, a ser amado pelo seu parceiro, porque é amado não por esta ou aquela qualidade física ou moral, não por esta ou aquela ação, mas por «si mesmo», pelo que nele é único, pelo que permanece através de todas as mudanças da vida até à morte. Um tal conhecimento, que é o fundamento do amor, não se adquire de uma vez por todas; exige, sob pena de definharem rapidamente, uma luta e uma conquista diárias.» (pág. 103)

Estar presente ao ser amado é reconhecer com o olhar o seu “eu” profundo. É estar-lhe intensamente atento. E, através dessa atenção, fazer-lhe um dom de si mesmo, do melhor de si mesmo. De tal forma que a pessoa amada tenha a sensação de se sentir protegida, guardada, a salvo, graças a essa atenção amorosa.

Saber que o outro cuida da sua existência temporal, mas sobretudo do seu ser íntimo, do seu destino espiritual. Conhece então esse sentimento que poderíamos chamar de “segurança”, mas com a condição de dar a esta palavra toda a sua densidade espiritual.» (pág. 68)

O DEVER DE SE SENTAR (Proposta de perguntas)

1. Dedicamos algum tempo a reler a vida da equipa durante este ano. Como mudou a nossa forma de nos darmos ao nosso cônjuge, nas atividades diárias, nos momentos de intimidade, na vida espiritual? E de nos darmos aos outros e a Deus?
2. Ponhamos em comum o que nos sugerem estes últimos textos do Padre Henri Caffarel sobre o nosso amor conjugal.
3. Como, graças a uma profunda comunhão com o nosso cônjuge, nos podemos sentir fortalecidos para assumir os nossos compromissos familiares, sociais, profissionais, eclesiais, a nossa vida onde quer que estejamos presentes?

A REUNIÃO DE EQUIPA

Escutar a Palavra, (Ecl 4, 9-12)

“É melhor dois do que um só: tirarão melhor proveito do seu esforço. Se caírem, um ergue o seu companheiro. Mas ai do solitário que cai: não tem outro para o levantar! E se dormirem dois juntos, dormem quentes; mas se alguém está só, como se há-de

aquecer? Se um só é oprimido, dois já conseguem resistir a isso; o cordel dobrado em três não se parte facilmente.”

Procuremos apresentar, num clima de oração, o que este itinerário sobre o amor conjugal significou para cada um de nós, para o nosso casal, para a nossa família e para a nossa equipa.

A eleição do próximo casal responsável também poderia ser feita neste clima de oração.

- O actual casal responsável pode comentar como viveu a sua responsabilidade.
- A equipa pode comentar se espera do novo casal responsável alguma "animação" especial.

Eleição do novo casal responsável

Podemos acabar rezando todos juntos:

“Senhor, estamos reunidos em teu nome. Estamos junto da pessoa a quem nos unimos pelo sacramento do matrimónio. Estamos junto dos casais e do conselheiro espiritual da nossa equipa para estarmos atentos uns aos outros e também para os ter presentes nas nossas orações. Senhor, dá-nos a graça de reconhecer o que é essencial para a nossa vida de fé e abre os nossos corações e mentes para que a nossa equipa se torne cada vez mais uma comunidade fraterna ao Teu serviço.”
Ámen.

Questões para partilhar na reunião

1. Como vivemos este ano em casal?

- Aprofundamento da fé.
- Cumprimentos dos PCE's em especial o Dever de se Sentar.
- Participação nas reuniões da Equipa.
- O que devemos manter? O que devemos melhorar?

2. Como funcionou a Equipa?

- Reunião da equipa: como nos escutámos, respeitámos, apoiámos, incentivámos uns aos outros ao longo do ano? Como foi a partilha? Todos fomos capazes de partilhar e comunicar “em verdade”?
- Tema de estudo: ajudou-nos a crescer na nossa vida conjugal?
- O CE está integrado na equipa e ajuda ao progresso da mesma? A equipa tem em conta as necessidades do CE?
- Como é a vida da equipa ao longo do mês? Participámos nas actividades do nosso Sector/Região? Acolhemos o nosso Casal de Ligação?
- A equipa fez a sua contribuição para o Movimento, no espírito proposto? Estamos disponíveis para a Missão? Referenciámos casais para formar novas equipas?
- De tudo o que vivemos este ano:
 - O que deveríamos continuar a fazer da mesma forma?
 - O que deveríamos mudar?

3. Como funcionou o Movimento?

- Estamos a par dos meios de comunicação do Movimento?
O que precisamos?
- Participámos nas Acções de Formação propostas pelo Movimento (Província/Supra-Região)?
- O que podemos pedir ao Movimento para viver melhor o Carisma e a Espiritualidade das ENS?

Anexos

Modelo para uma reunião de equipa

- Acolhimento e Invocação do Espírito Santo
- Oração de agradecimento dos alimentos e refeição
- Pôr em comum
- Oração inicial e ressonância pessoal
- Partilha dos PCE's
- Discussão do Tema de Estudo
- Oração pela beatificação do Pe. Caffarel
- Conclusão e Magnificat

Atitudes de vida. Pontos Concretos de Esforço

- Procura assídua da vontade de Deus
- Procura da verdade sobre nós mesmos
- Experiência da comunhão e do encontro

- Escuta atenta da Palavra de Deus
- Oração (Pessoal, Conjugal e Familiar)
- Dever de se Sentar
- Regra de Vida
- Estudo do Tema
- Retiro anual

Oração para a Partilha

Senhor Jesus, na altura de fazermos a partilha de vida, recordamos que toda a graça do nosso Sacramento vem de vós e que o amor só tem sentido quando consiste em procurar, concretamente, o bem do outro e das nossas famílias.

Que este momento sirva para ajuda e crescimento de todos.

Por isso, ensinai-nos a falar com humildade das nossas fraquezas e falhas, pedindo perdão a todos; ajudai-nos a contar os sucessos e alegrias sem vaidade, para estímulo e ajuda uns dos outros, dando graças a Deus.

Neste momento, também queremos lembrar e pedir pelos casais que sofrem e passam dificuldades, em especial os da nossa equipa, e que isso faça crescer a nossa responsabilidade.

Ámen

Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus, nosso Pai,

Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel um impulso de amor, que o atraiu sem reservas para o teu Filho e o inspirou a falar d´Ele.

Profeta do nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um segundo a palavra que Jesus dirige a todos: “Vem e segue-me”.

Ele entusiasmou os esposos para a grandeza do sacramento do matrimónio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.

Mostrou que padres e casais são chamados a viver a vocação do amor.

Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.

Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes no caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.

Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, nós te pedimos que apresses o dia em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida, para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho, cada um segundo a sua vocação no Espírito.

Deus, nosso Pai, nós invocamos o Padre Caffarel para ... (indicar a graça a pedir).

Ámen.

Oração aprovada por D. André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris. “Nihilobstat” (4/Jan/2006), “Imprimatur” (5/Jan/2006)

No caso de obtenção de graças por intercessão do Pe. Caffarel, contactar o Casal coordenador da Associação dos Amigos do Padre Caffarel, na Supra Região Portugal: pe.caffarel@ens.pt

Magnificat

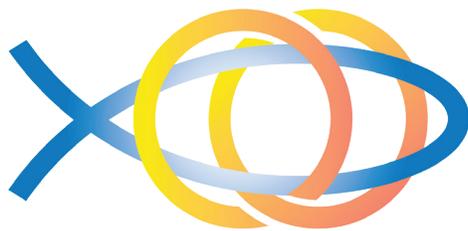
A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador;
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações;

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder de seu braço
E dispersou os soberbos;
Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias;
Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre.
Ámen.



Équipes Notre-Dame
Secrétariat International
49, rue de la Glacière - 7^{ème} étage - 75013
Paris - France
contact@equipes-notre-dame.com
www.equipes-notre-dame.com